

Mulheres de Impacto

Histórias inspiradoras de Mulheres Líderes Africanas



Mulheres de Impacto

Histórias inspiradoras de Mulheres Líderes Africanas

Este documento é publicado por:

Comissão da União Africana-Direcção de Mulheres, Género e Juventude (WGDD)

© **Comissão da União Africana, 2022**. Todos os direitos reservados

Comissão da União Africana

Gabinete da Direcção da Mulher, Género e Juventude (WGDD)

P.O. Box 3243, Roosevelt Street Addis Abeba, Etiópia

+251 11 551 77 00

Em parceria com



UNITED NATIONS
HUMAN RIGHTS
OFFICE OF THE HIGH COMMISSIONER





RECONHECIMENTOS

O Compêndio de Mulheres Líderes e Jovens Africanas foi desenvolvido pela Direção das Mulheres, Género e Juventude da Comissão da União Africana (African Union Commission-Women, Gender and Youth Directorate - AUC-WGYD) com o apoio e a parceria do Fundo das Nações Unidas para a População (FNUAP), do Alto-Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACDH) e da Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres).

O compêndio é uma compilação de histórias de 25 mulheres líderes impactantes, assim como dos quadros políticos e legais disponíveis e as publicações de parceiros relacionadas com a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres (Gender Equality and Women Empowerment - GEWE). No entanto, os parceiros expressam a sua gratidão a todas as mulheres líderes que submeteram nomeações em resposta à chamada feita para esta iniciativa.

Os parceiros expressam também verdadeira gratidão à Sra. Ibiso Graham-Douglas, a consultora líder, pelo seu apoio constante e firme na consolidação de histórias e na representação eficaz das contribuições das mulheres líderes no compêndio.

Os parceiros anseiam sustentar a colaboração para desenvolver questões subsequentes para celebrar as conquistas de várias outras mulheres líderes africanas transformadoras por todo o continente.

A publicação beneficiou com as contribuições da equipa técnica que apoiou o processo de desenvolvimento, nomeadamente:

Comissão da União Africana

Dra. Jeanne Flora Kayitesi, Sr. Billy Camirirwa, Sra. Priscilla Mawuena Adjeidu, Sra. Florence Nabwire (AUC-WGYD), Sra. Leslie Richer e Sra. Doreen Apollos (AUC-ICD).

FNUAP-Gabinete de representação da UA e CEA

Sr. Kokou Djagadou e Sr. Brian Mafuso.

ACDH-Gabinete regional da África Oriental

Mme Catherine de Preux De Baets, Mme Marta Teshome, Mme Khadidja Hadj Saïd, Mme Juliana Souza.

Ligação da ONU Mulheres à UA e CEA

Sra. Tikikel Tadele Alemu, Sra. Amen Ayele Deneke, Sra. Dukaye Amare Mergia, Sra. Enissa Iteka.



Tenho o prazer de apresentar o Compêndio de Mulheres e Jovens Africanas na Liderança. Por todo o mundo, os programas de liderança desenhados e realizados pelos governos, organizações da sociedade civil, comunidades internas e setores privados procuram infundir as capacidades de liderança em mulheres e raparigas. No entanto, o potencial impacto destes programas é comprometido pelas práticas extremamente políticas, culturais e sociais de género da sociedade. As mulheres líderes existentes e aspirantes enfrentam desafios únicos, tais como a formação e financiamento apropriados, violência, cobertura mediática insuficiente ou imprecisa e notícias falsas. Mais de 60 por cento da população da África vive em áreas rurais onde estes desafios, especialmente para jovens raparigas, são mais acentuados.

Para assegurar que as mulheres e raparigas têm as mesmas oportunidades que os homens de se tornarem líderes, os líderes Africanos e a comunidade internacional devem abordar os desafios únicos que enfrentam e que as impedem de se tornarem nas líderes que têm capacidade para ser.

A liderança das mulheres em África não é um fenómeno novo. Ao longo da história de África, as mulheres têm sido importantes solucionadoras de problemas, conduzindo as forças militares durante o período pré-colonial, lutadores pela liberdade durante os movimentos pela independência, líderes de transição durante períodos pós-conflito, e líderes durante algumas das piores crises económicas, políticas, e sanitárias do século XXI. Avançando, África deve aproveitar os conhecimentos, competências e talentos das mulheres a todos os níveis no processo de solucionamento de problemas para recuperar o futuro do continente.

Apesar dos dados, África ainda é um líder mundial na liderança pública das mulheres. Cinco países africanos estão nas 20 principais nações com

representação parlamentar feminina, e, com 61,3%, Ruanda ainda lidera o mundo em termos do número de mulheres no parlamento. Quatro países africanos, cada um com mais de 45 por cento de representação feminina em gabinetes, estão entre os 20 principais países globalmente. Para além disso, a presença crescente de mulheres africanas como líderes públicos não se reduz às instituições nacionais. As mulheres africanas atualmente detêm cargos de liderança na Organização Mundial do Comércio, na Comissão da União Africana, e nas Nações Unidas. Acima de tudo, estas contribuem diretamente para e realizam esforços regionais e internacionais que abordam as questões mais urgentes de África atualmente: paz e segurança, justiça de género, alterações climáticas, e desenvolvimento tecnológico e económico.

Apesar do longo e rico histórico do continente de líderes do sexo feminino, particularmente pré-colonização, os sistemas e crenças políticos, sociais e culturais não promovem, atualmente, qualidades ou aspirações de liderança em jovens raparigas. Os esforços conjuntos ao longo das últimas duas décadas expandiram o acesso a educação e saúde com qualidade para muitos, mas a participação política das mulheres deve também ser uma prioridade para assegurar a boa governação. Metade da população não pode ser marginalizada na tomada de decisões para progresso contínuo e mais expansivo no continente. Se apenas metade dos potenciais líderes são identificados e apoiados, as soluções políticas permanecem apenas estabelecidas pela metade.

Principalmente os líderes africanos e a comunidade internacional têm a responsabilidade de se pronunciarem contra os desafios que enfrentam as lideranças de mulheres e raparigas, e de apoiar iniciativas para erradicar os mesmos. Tal cabe especialmente a todos os líderes na comunidade, sejam tradicionais ou não. Devem contribuir com a sua voz e autoridade para promover novas tradições que asseguram que todas as crianças em África, não obstante o género, são socializadas e motivadas para se tornarem as líderes de que o continente necessita.

Por fim, desejo saudar as mulheres e raparigas africanas que continuam a conduzir iniciativas tão meritórias. Que este compêndio seja um exemplo do potencial e das conquistas das mulheres e raparigas africanas, e como impactam as suas

famílias, comunidades, países, e o mundo, especialmente à medida que enfrentamos problemas relacionados com pandemias e alterações climáticas.



Prudence Ngwenya (Sra.)

**Ag. Diretora, Direção das Mulheres, Género e Juventude (WGYD)
Comissão da União Africana (AUC)**



As mulheres africanas têm desempenhado papéis integrais nos avanços que têm moldado o curso da história no Continente Africano. Forneceram boas lideranças enquanto lutadoras pela liberdade, filósofas, magnatas de negócios, e outros cargos transformadores. Para além disso, têm vindo a idealizar, motivar, desenvolver, e inspirar outros para alcançarem grandes conquistas a nível continental e global.

Infelizmente, os estudos e a documentação acerca da história da liderança do país ignoram frequentemente as importantes conquistas das mulheres, quer passadas como presentes. Repetidamente, vemos histórias a retratá-las como oprimidas, sem voz, e sem poder. Contrariamente às figuras históricas antigas de rainhas e lutadoras pela liberdade que foram poderosas e marcantes – as narrativas são profundamente baseadas em culturas, normas e práticas patriárquicas. Outros valores socioculturais, incluindo práticas prejudiciais, especialmente a preferência do filho, o casamento infantil e a mutilação genital feminina, impedem a concretização plena da igualdade de oportunidades, alienando ainda mais as mulheres e meninas.

A Organização das Nações Unidas (ONU), desde a sua formação há quase 80 anos, tem feito progressos notáveis na promoção e no avanço da igualdade de género e no empoderamento das mulheres (GEWE). Dentro do sistema da ONU, a ONU Mulheres foi estabelecida em 2010 para liderar, promover e coordenar esforços para o avanço na concretização plena dos direitos e oportunidades das mulheres. No entanto, a Assembleia Geral das Nações Unidas apela a todas as partes do sistema da ONU para promover a GEWE no âmbito dos seus mandatos. Este apelo assegura que os compromissos para a eliminação da discriminação contra as mulheres e raparigas, o empoderamento das mulheres, e a conquista da igualdade entre mulheres e homens, tanto como parceiros como beneficiários do desenvolvimento, dos direitos humanos, ações humanitárias, e a paz e segurança, são concretizados. Da mesma forma, o sistema da ONU tem o mandato para avançar com as contribuições de mulheres líderes em esforços políticos, socioculturais e económicos a todos os níveis.

Neste contexto, este compêndio de histórias de mulheres líderes africanas impactantes estabelece-se para traduzir este mandato em ações, através de uma parceria estratégica entre a União Africana e o sistema da ONU. Fornece uma oportunidade para reconhecer as trajetórias de mulheres icónicas que são defensoras dos direitos humanos, da igualdade de género, do empoderamento das mulheres, e do desenvolvimento inclusivo. O objetivo é documentar e celebrar as conquistas das mulheres africanas de todas as faixas etárias que têm sido negligenciadas na literatura. Áreas como a governação, os direitos humanos, paz e segurança, inclusão financeira, comércio e empreendedorismo, ambiente, agricultura e alterações climáticas, infraestruturas, ciência, tecnologia, engenharia e matemática (CTEM), educação, indústrias criativas e desportos.

Estas mulheres líderes lutaram para a melhoria das suas comunidades dos níveis mais baixos para posições executivas para sucesso concretos nas suas respetivas áreas. Continuam a contribuir para o avanço na igualdade de género para alcançar a plena e eficaz participação e tomada de decisões por parte das mulheres, ao mesmo tempo que superam desafios alargados como a discriminação etária, o sexismo, e a falta de recursos. As histórias destacam uma responsabilidade coletiva necessária para melhorar a próxima geração de africanos.

Como parceiros-chave, a FNUAP, o ACDH e a ONU Mulheres, em comemoração do mês Internacional da Mulher, bem como baseando-se no tema do ano de 2021 da União Africana, **“Artes, Cultura e Herança: Alavancas para construirmos a**

África que queremos, proposto para promover a necessidade da documentação de jornadas de liderança de mulheres africanas - histórias das suas experiências vivenciadas e o impacto das suas contribuições. Através desta parceria, este compêndio será um documento vivo atualizado periodicamente para promover histórias e conquistas emergentes das mulheres e raparigas

africanas enquanto líderes nas suas áreas. Esperamos que as histórias apresentadas possam inspirar as mulheres e raparigas, e dar testemunho a várias gerações de mulheres excecionais que mostram e provam que as mulheres e raparigas são uma poderosa força a moldar o desenvolvimento sustentável.



Sr. Mabingué Ngom

Consultor Sénior do Diretor Executiva DA FNUAP e Diretor do Gabinete de representação da UA e CEA da FNUAP.



Sra. Awa Ndiaye Seck

Representante especial da ONU Mulheres para União Africana e a Comissão Económica para a África



Sr. Marcel Clement Akpovo

**Representante regional do ACDH da UN da África Oriental
Representante para a União Africana (UA)**



CONTEÚDO

Reconhecimentos	3
Prefácio	- Diretora da WGYD	4
	- Representante da ONU Mulheres para a UA e CEA (Sra. Letty)	6
Abbreviations	9
Introdução	- Liderança das Mulheres Africanas: O Contexto	11
Capítulo 1	- Governança, Direitos Humanos, Paz e Segurança.....	14
Capítulo 2	- Empoderamento das Mulheres e um Final para a Violência Contra as Mulheres e Raparigas.....	16
Capítulo 3	- Inclusão financeira, Comércio e Empreendedorismo	28
Capítulo 4	- Ambiente, Agricultura e Alterações Climáticas.....	33
Capítulo 5	- Infraestrutura e Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (CTEM)	36
Capítulo 6	- Educação	40
Capítulo 7	- Indústrias Criativas e Desportos	48
Conclusão	54
Referências	55



ABREVIATURAS

AACC	African Audio-Visual and Cinema Commission (Comissão Africana Audiovisual e Cinema)
ACALAN	African Academy of Languages (Academia Africana de Línguas)
AFRIMMA	African Muzik Magazine Awards
AMDC	African Minerals Development Centre (Centro Africano de Desenvolvimento Mineral)
ANWI	African Network for Women in Infrastructure (Rede Africana para Mulheres em Infraestruturas)
AU-CIEFFA	African Union International Centre for Girls and Women's Education in Africa (Centro Internacional para a Educação de Mulheres e Raparigas em África da União Africana)
BpFA	Beijing Declaration and Plan of Action (Plataforma de Ação de Pequim)
CAADP	Comprehensive African Agriculture Development Programme (Programa Integrado para o Desenvolvimento da Agricultura em África)
CEDAW	Conventions Of All Forms Of Discrimination Against Women (Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres)
CEA	Comissão Económica para a África das Nações Unidas
CESA	Continental Education Strategy for Africa (Estratégia Continental de Educação para África)
CIPD	Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento
CTEM	Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática
DOT	Digital Opportunity Trust
VBG	Violência Baseada no Género
GEWE	Gender Equality and Women's Empowerment (igualdade de género e empoderamento das mulheres)
GROOTS	Grassroots Organisations Operating Together in Sisterhood (Organizações de base operando juntas em irmandade)
GWR	Guinness World Records
VIH	Vírus da Imunodeficiência Humana
ICD	Information and Communication Directorate (Direção da Comunicação e Informação)
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
IWD	International Women's Day (Dia Internacional da Mulher)
MTV EMA	MTV Europe Music Awards
SBV	Sexual-based violence (Violência com base no sexo)
SDGEA	Solemn Declaration on Gender Equality in Africa (Declaração Solene sobre a Igualdade de Género em África)

ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
PNUD	Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas
SIDA	Síndrome de Imunodeficiência Adquirida
UA	União Africana
VAWG	Violence Against Women And Girls (violência contra as mulheres e raparigas)
WGYD	Direção das Mulheres, Género e Juventude



INTRODUÇÃO

Liderança de Mulheres Africanas: O Contexto

As mulheres africanas alcançaram proezas incríveis na liderança ao longo dos anos. Estas idealizaram, motivaram, desenvolveram, e inspiraram outros para alcançar conquistas significativas globalmente. Os seus papéis e contribuições no avanço do estatuto político, social e económico no continente são reconhecidos através de vários marcos nacionais, continentais e internacionais, incluindo o Dia Internacional da Mulher (International Women's Day - IWD).

África tem quadros normativos progressistas que garantem a igualdade de género nas esferas sociais, económicas e políticas. Ao longo de anos de ativismo, mudanças políticas e reformas legais, os direitos das mulheres e o seu estatuto nas sociedades melhorou.

Consequentemente, líderes como Ellen Johnson-Sirleaf, a primeira mulher presidente africana e a Dra. Nkosazana Dlamini-Zuma, a primeira diretora mulher da Comissão da União Africana, emergiram. Também, as atuais Chefes de Estado – Sahle-Work Zewde, Presidente da Etiópia e Samia Suluhu Hassan, Presidente da Tanzânia, quebraram todas as barreiras existentes na governação e na liderança. Representam referências e inspirações para as gerações de futuras mulheres líderes africanas.

Liderança de Mulheres Africanas: Porque é importante

Estudos sobre a história de liderança do continente ignoram frequentemente as mulheres africanas, com a maioria das imagens divulgadas a retratá-las como pobres, oprimidas, sem voz e sem poder. Contrariamente às figuras históricas antigas de rainhas e lutadoras pela liberdade que foram poderosas e marcantes – as narrativas são profundamente baseadas em culturas, normas e práticas patriárquicas.

Outros valores socioculturais agravaram ainda mais isto com mulheres e raparigas a serem marginalizadas devido às suas práticas e crenças religiosas e culturais, por vezes até mesmo antes do seu nascimento. As famílias preferem filhos a

filhas, que acreditam que passarão os seus nomes, recursos e legados para as suas gerações. Esta prática prejudicial priva as mulheres e raparigas de oportunidades iguais, tais como o acesso à educação, o que impede todo o seu potencial.

Progressivamente, as coisas estão a mudar, com uma nova geração de mulheres líderes que são dinâmicas, fortes, e estão preparadas para assumir papéis ativos nas suas nações e globalmente.

A liderança das mulheres na política também cresceu na legislação de África, com Ruanda a liderar o resto do mundo como o primeiro país com 61,3 por cento de mulheres no parlamento, seguido por outros quatro países africanos com taxas de participação a superar os 40 por cento - África do Sul (46,3), Senegal (43,0), Namíbia (42,7) e Moçambique (41,2) .

No desenvolvimento económico, as mulheres africanas constituem 58 por cento dos trabalhadores por conta própria, tornando o continente um precursor no empreendedorismo das mulheres.

A liderança das mulheres africanas importa em todos os setores e a todos os níveis nas nações, no continente e globalmente, porque:

- As mulheres constituem metade da população de África, e como uma expressão dos seus direitos humanos, têm o direito a oportunidades iguais que lhes permitem participar plenamente na tomada de decisões e na implementação de políticas, leis, e iniciativas no continente.
- A liderança das mulheres e a participação plena na governação e nos processos políticos têm um efeito de fluxo contínuo e abrangente, influenciando outros setores e esferas para incluir mais mulheres em papéis e posições de liderança.
- As raparigas e jovens mulheres necessitam de exemplos fortes para se inspirarem e para promoverem as suas aspirações ambiciosas.

¹UN women, "Facts and figures: Women's leadership and political participation." 15 January 2021, <https://www.unwomen.org/en/what-we-do/leadership-and-political-participation/facts-and-figures>

²Agu, David, "Africa Leads The World In Women Entrepreneurs: But It's Not Yet Uhuru" Entrepreneur Africa, April 2021, <https://www.theentrepreneuriafrica.com/africa-leads-the-world-in-women-entrepreneurs-but-its-not-yet-uhuru/>

³Country Meters, Africa Population Clock. 17 March 2022, <https://countrymeters.info/en/Africa>

Quer seja na política e governação, negócio e finanças, ou na sociedade civil, o tema da liderança das mulheres africanas está a melhorar vidas e meios de subsistência à medida que interrompe e atrapalha normas existentes que as limitam e inibem. Sem qualquer formação de liderança, as mulheres e raparigas africanas aplicaram os seus conhecimentos locais únicos para ações transformadoras que impulsionam a igualdade de género e o empoderamento das mulheres por todo o continente e globalmente.

Visão geral dos enquadramentos legais e políticos

Os Estados Membros da União Africana (UA) são signatários de enquadramentos políticos e legais internacionais e regionais importantes que sustentam compromissos locais, nacionais, regionais e continentais. Promovem também iniciativas que promover a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres (GEWE) e impulsionam a liderança de mulheres africanas. Alguns destes enquadramentos incluem:

- A Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (CEDAW) de 1979 que é tida como a declaração de direitos das mulheres.
- A Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD) de 1994. Este enquadramento reconheceu a importância da autonomia corporal das mulheres e o seu direito a serviços de saúde reprodutora e sexual, em consonância com os vários compromissos regionais e internacionais para a GEWE.
- A Plataforma de Ação de Pequim (BpFA) de 1995. Vista como o primeiro enquadramento internacional, a BpFA reconhece a integração da perspetiva da igualdade entre os sexos como uma estratégia global fundamental para alcançar a igualdade de género.
- A Resolução 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas sobre as Mulheres, Paz e Segurança em 2000. Este instrumento histórico aborda o impacto dos conflitos nas mulheres e a importância da participação plena e igual na resolução de conflitos, consolidação da paz, pacificação, resposta humanitária, e reconstruções pós-conflito.
- O Protocolo à Carta Africana dos Direitos do Homem e dos Povos relativo aos Direitos das Mulheres em África de 2003. Comumente

conhecido como o Protocolo de Maputo, este reforça os direitos das mulheres africanas e exorta a todos os Estados-Membros que combatam todas as formas de discriminação contra mulheres e raparigas.

- A Declaração Solene da UA sobre a Igualdade de Género em África (SDGEA) de 2004 apela aos Estados-Membros para ação contínua para alcançar a igualdade de género e reforçar o seu compromisso com instrumentos de direitos das mulheres internacionais e regionais.
- Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas (ODS) de 2015. Particularmente, o Objetivo 5 procura alcançar a igualdade de género ao empoderar mulheres e raparigas. A GEWE é também parte integrante de outros 17 objetivos e um requisito para alcançar o desenvolvimento sustentável.
- A Agenda 2063 da União Africana (UA) foi adotada em 2013. Este projeto continental estabelece 7 Aspirações e identifica prioridades para a respetiva execução. A Aspiração 6 declara explicitamente, “Uma África cujo desenvolvimento é impulsionado pelas pessoas, confiando no potencial oferecido pelas mesmas, especialmente as suas mulheres e jovens e cuidados com as crianças.” Destina-se a conseguir isto ao dar prioridade ao empoderamento de mulheres e raparigas e ao acabar com todas as formas de violência e discriminação contra as mesmas.
- A Estratégia da UA para a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres (GEWE) (2018-2028) é especialmente fundamental para suportar os esforços atuais da UA. Define prioridades e estratégias para concretizar a Aspiração 6 ao focar-se nos resultados que mitigam e eliminam as limitações que impedem a igualdade de género e o empoderamento das mulheres. Com base nas conclusões da avaliação da Política de Género da UA de 2009, identifica ações e intervenções específicas que gerarão os resultados esperados desejados segundo quatro pilares que são:
 - Maximizar resultados (económicos), oportunidades, e tecnologia e dividendos
 - Dignidade, segurança e resiliência
 - Leis, políticas e instituições eficazes
 - Liderança, voz e visibilidade.

À medida que os governos, as organizações da sociedade civil, e outras partes interessadas implementam estes enquadramentos, mais mulheres e raparigas podem atuar em gabinetes políticos, gerir organizações públicas e do setor privado, e ser protegidas por leis relativas à discriminação, violência, e outras barreiras à liderança das mulheres.

As líderes celebradas neste compêndio contribuíram direta ou indiretamente para implementar estes enquadramentos através de várias iniciativas a diferentes níveis em África. Estes compromissos para a GEWE conseguiram, por sua vez, empoderar as mesmas a seguir os seus sonhos e visões como atualmente o fazem, mudando vidas, e criando a África que queremos.



Objetivos e Âmbito do Compêndio

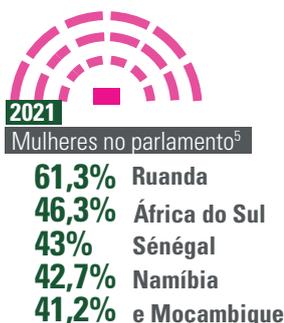
Este compêndio tem como objetivo reconhecer e celebrar as mulheres e raparigas africanas ao fazer uma diferença através da sua liderança impactante. Documenta as suas contribuições e impactos na inspiração de líderes atuais e aspirantes, e na promoção de ambientes favoráveis que impulsionam a liderança das mulheres ao nível nacional e continental. Realça as suas contribuições ao enfrentar a pandemia de COVID-19 e os seus efeitos nas suas comunidades e países. Destaca também os desafios que estas líderes identificaram e as suas soluções para os ultrapassar.

Uma equipa técnica com vários parceiros levou a cabo um rigoroso processo de seleção para identificar estas mulheres líderes a partir das mais de duas centenas de submissões e nomeações recebidas. Foram reconhecidas pela sua intencionalidade, persistência, compromisso com a mudança, e as contribuições para a sociedade. Representam o espectro da liderança de mulheres africanas, dos níveis mais baixos para executivas de alto nível e formadoras de opinião. Estas líderes incorporam a liderança africana para além da política ou negócios, e incluem mulheres na governação, o empoderamento das mulheres, finanças e empreendedorismo, ambiente e agricultura, tecnologia, educação, indústrias criativas e desportos. As categorias estão vagamente relacionadas com os quatro resultados da Estratégia da UA para a GEWE.

As suas histórias de liderança demonstram o que é alcançável, especialmente à medida que ainda mais líderes com experiência partilham a sua sabedoria com a geração seguinte através da formação e mentorias, o que gera mulheres e raparigas líderes competentes e comprometidas que podem alcançar as aspirações da Agenda 2063.



TABELAS E INFOGRÁFICOS



⁴ Country Meters, Africa Population Clock. 17 March 2022, <https://countrymeters.info/en/Africa>

⁵ UN women, "Facts And Figures: Women's Leadership And Political Participation." 15 January 2021, <https://www.unwomen.org/en/what-we-do/leadership-and-political-participation/facts-and-figures>

⁶ Agu, David, "Africa Leads The World In Women Entrepreneurs: But It's Not Yet Uhuru" Entrepreneur Africa, April 2021, <https://www.theentrepreneuriafrica.com/africa-leads-the-world-in-women-entrepreneurs-but-its-not-yet-uhuru/>

⁷ Hanan Morsy Access to Finance: Why Aren't Women Leaning In? Finance & Development, March 2020, Vol. 57, No. 1, <https://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2020/03/africa-gender-gap-access-to-finance-morsy.htm>

⁸ One Campaign, Covid's Aftershocks: Making Gender Equality Central To The COVID-19 Recovery, AFTERSHOCKS 2 July 2021, <https://www.one.org/africa/blog/covid19-aftershocks-gender-equality/>

⁹ Graca Machel Trust Why Including More Women-Owned Businesses In Public Procurement Processes Matter, October 20th, 2021, <https://gracamacheltrust.org/2021/10/20/why-including-more-women-owned-businesses-in-public-procurement-processes/>

¹⁰ African Union Commission, Maputo Protocol on Women's Rights in Africa November 17-18 November 2020.

¹¹ UNDP Africa January 31, 2019, Creating A Level Playing Field For Women In Technology In Africa <https://www.africa.undp.org/content/rba/en/home/presscenter/pressreleases/2019/creating-level-playing-field-for-women-in-technology-in-africa.html>

¹² Machel, Graca COVID-19 And The Impact On African Women: All Responses Must Respect The Gendered Impacts Of The Pandemic. 18 June 2020 <https://theelders.org/news/covid-19-and-impact-african-women-all-responses-must-respect-gendered-impacts-pandemic>

¹³ Damaris Seleina Parsitau Invisible lives, missing voices: Putting women and girls at the centre of post-COVID-19 recovery and reconstruction. January 28, 2021, <https://www.brookings.edu/blog/africa-in-focus/2021/01/28/invisible-lives-missing-voices-putting-women-and-girls-at-the-center-of-post-covid-19-recovery-and-reconstruction/>



CAPÍTULO 1

Governança, Direitos Humanos, Paz e Segurança

A boa governação em África contribui para a paz, estabilidade, desenvolvimento e crescimento dos Estados-Membros da UA. Instituições formidáveis, influenciadas pelas leis, enquadramentos internacionais, e ideais como os direitos humanos, responsabilização, e liberdades, conectam um estado e a sua população, e são essenciais para a sustentabilidade.

Um aspeto central da governação é uma democracia, os seus processos e os vários esforços coletivos que a desenvolvem e fortalecem no continente. Estes podem ser através de grupos, clubes sociais, ou organizações não-governamentais, ao dar prioridade ao respeito pelo estado de direito e pelos direitos humanos, e ao defender a liberdade para exprimir interesses e opiniões de forma inclusiva e tolerante.

A boa governação é um requisito fundamental para criar sociedades sustentáveis, conforme expresso na Aspiração 3 da Agenda 2063, “Uma África de boa governação, democracia, respeito pelos direitos humanos, justiça e estado de direito.” Para além disso, um dos pilares da Estratégia da UA para a GEWE é “Leis vigentes, políticas e instituições”, com um dos seus resultados a ser sistemas institucionais de governação de género.

Por conseguinte, a UA, a instituição continental mais importante, defende sistemas de governação sensíveis e responsivos à dimensão do género. Estes sistemas deverão abranger todas as esferas e setores, e requerem parcerias e programas entre vários setores para fomentar instituições eficientes, sistemas e enquadramento para governação responsiva à dimensão do género.

O estabelecimento por parte da UA de mecanismos como a FemWise-Africa (Rede de Mulheres Africanas na Prevenção e Mediação de Conflitos e a designação do Enviado Especial

ao Presidente da Comissão da União Africana sobre as Mulheres, Paz e Segurança demonstram o compromisso para fortalecer o papel das mulheres na prevenção de conflitos e nos esforços de mediação. Os Embaixadores da Juventude Africana pela Paz (African Youth Ambassadors for Peace - AYAP) representam também outro esforço para facilitar a participação significativa da juventude africana na paz e segurança.

As mulheres líderes africanas neste compêndio contribuem para a localização de tais plataformas e iniciativas aos níveis comunitários, locais e nacionais para assegurar que as sociedades consolidam mecanismos para promover os direitos humanos das mulheres e a GEWE. Depararam-se com vários desafios, principalmente atribuídos aos preconceitos e estereótipos negativos relativos à liderança feminina e normas sociais e práticas culturais profundamente enraizadas. No entanto, acreditam que estes são superáveis através de:

- Diálogos vigorosos, mobilização social, e reformas que asseguram que os sistemas sociais desenvolvem para se tornarem mais inclusivos relativamente ao género.
- As mulheres continuam decididas em confrontar e desafiar estas normas existentes.
- Aumento no ativismo e ações das mulheres.
- Aumento nas redes de mulheres que fomentam formações e mentorias entre gerações.

Estas líderes continuam a contribuir para instituições e sistemas eficazes e inclusivos, promovendo a centralidade da igualdade de género e o empoderamento das mulheres para conseguir a participação plena e efetiva das mulheres e a sua tomada de decisões na vida pública.



NOËLLA ROSINE AMANG AMAYENE

República Centro-Africana

A jornada de liderança de Noëlla Rosine AMANG AMAYENE começou como uma funcionária do serviço prisional da República Centro-Africana. Como gerente assistente na prisão feminina em Bangui e chefe da Produção Penitenciária e Serviço de Formação Profissional, iniciou e implementou projetos para promover os direitos humanos das reclusas e empoderar as mesmas a viver vidas livres de crimes após a sua libertação. Os seus projetos educativos ensinam as reclusas analfabetas competências matemáticas, e os projetos vocacionais ensinam-nas a costurar e a fazer objetos artesanais para ganhar a vida após a sua libertação.

Sob a liderança da Sra. Amayene, a prisão ganhou um contrato para fazer uniformes escolares no valor de milhões, pela primeira vez na história. Um esforço que alargou durante a pandemia de COVID-19, ensinar as reclusas a fazer máscaras faciais para a sua utilização e que doou a duas prisões vizinhas.

Os seus projetos tiveram efeitos de longo alcance à medida que presidiárias que saíram da prisão vivem agora vidas independentes, evitam vidas de crime, e são mentoras para outras.

Noëlla Rosine AMANG AMAYENE é uma líder exemplar cujo impacto na reforma e reabilitação de prisioneiras é merecedor de aplausos.



JANE AGNES MACHIRA

Quênia

Jane Agnes Machira, popularmente conhecida como 'Mama Amani' (mulher de paz), é uma guerreira pela paz, política, e defensora dos direitos humanos.

A sua carreira na prevenção de conflitos e na construção da paz focou-se em regiões habitadas por agricultores e pastores, adotando uma abordagem única para a construção da paz que coloca as mulheres no centro. Formou mais de 6000 homens e mulheres como pacificadores e mediadores para participar em esforços pela paz liderados pela comunidade.

Em 2012, Machira foi eleita para o Parlamento Nacional do Quênia como uma representante das mulheres. Deu prioridade a soluções sustentáveis para a gestão de conflitos, providenciou poços para apoiar atividades de agricultura e domésticas, lançou um fórum de investimento e de serviços bancários para as mulheres, pagou bolsas de estudo para estudantes, e defendeu contra o flagelo das cervejarias ilegais que ferem e matam consumidores no Quênia. Fez também pressão para reintroduzir a marcação do gado em massa para reduzir o roubo de gado e a tributação de agricultores a grande escala para prevenir conflitos com as comunidades locais.

Durante a pandemia de COVID-19, as restrições trouxeram o aumento do assédio de mulheres por parte de agentes de autoridade que interpretaram erroneamente políticas e diretrizes. Machira aumentou a consciencialização sobre o tema como uma violação dos direitos das mulheres e interveio através de vias legais e oficiais ao defender a reparação para mulheres afetadas na sua comunidade.

Jane Agnes Machira constrói a paz em África ao criar mulheres mediadoras e pacificadoras.



SALIMA MUSBAH
Líbia

Salima Musbah é uma mulher de negócios, autora, e ativista cujas ações diretas promoveram a participação de mulheres e jovens na liderança e na vida pública na Líbia.

Fundou a 'Libyan Peace Ambassadors Initiative' (Iniciativa de Embaixadores pela Paz da Líbia) para implementar a Resolução 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, procurando empoderar as mulheres para participarem na construção da paz, mediação, e resolução de conflitos. Desde a sua origem em 2015, Musbah envolveu e desenvolveu a capacidade de 124 mulheres enquanto pacificadoras em mais de 33 municípios e 115 comunidades locais numa área, até então, dominada por homens. Em acréscimo à sua formação como embaixadoras da paz, estabeleceu uma carta de honra, a trabalhar com os grupos de paz locais para envolver mais mulheres nos comités de reconciliação. Alguns dos seus embaixadores da paz iniciaram iniciativas de reconciliação nas suas comunidades locais, criando plataformas para compromissos comunitários com várias partes interessadas que permitem que as mulheres participem na governação e surjam como líderes.

Musbah lançou um projeto de reabilitação e reintegração em 2013 para mulheres sobreviventes de violência e guerras na Líbia. Abriu 7 centros para fornecer serviços legais, de saúde e psicológicos e oferecer apoio empresarial e profissional a mais de 20 000 mulheres.

Como parte do ativismo de Musbah, uniu um grupo diversificado de mulheres para escrever uma constituição sombra para os direitos das mulheres, enviando-a para a Assembleia Constituinte da Líbia. Este documento possui incidências informadas, com muitos grupos a exigir a inclusão de prioridades e exigências na nova constituição.

Salima Musbah é uma batalhadora cuja defesa e impacto na construção da paz e a participação das mulheres na governação beneficiariam gerações futuras.



Não é suficiente abrir apenas as portas das salas de poder.
Temos de entrar e mudar a disposição da mobília!

**Gertrude Mongella,
Primeira Presidente do Parlamento Pan-Africano**



Investir em mulheres africanas gerentes de fundos é uma abordagem inteligente e inovadora. Descobriu-se que investidores do sexo feminino conseguem grandes retornos, e todos conseguimos melhores resultados ao investir em mulheres.

Paul Kagame, Presidente do Ruanda



A liderança nunca é entregue numa bandeja de prata.
Tem de ser merecida

**Ellen Johnson Sirleaf,
Antiga Presidente da Libéria**



A União Africana continua comprometida em erradicar a violência contra as mulheres e raparigas em todas as suas ramificações, e em proteger crianças do sexo feminino de todas as formas de abuso, incluindo o casamento precoce e outras práticas prejudiciais tradicionais.

Moussa Faki Mahamat, Presidente, Comissão da UA



As sementes do sucesso em cada nação na terra
são melhores plantadas em mulheres e crianças.

**Joyce Banda,
Antiga Presidente do Malauí.**



A África não se pode desenvolver quando milhões de mulheres e jovens raparigas continuam a sofrer tratamentos violentos que não desiguais e discriminatórios.

**Macky Sall,
Presidente do Senegal.**





CAPÍTULO 2

Empoderamento das mulheres e Um Final para a Violência Contra as Mulheres e Raparigas

A igualdade de género e o empoderamento das mulheres são a base para a paz e o desenvolvimento sustentáveis em todas as sociedades. No entanto, vários impedimentos como a falta de acesso à educação, cuidados de saúde, oportunidades, recursos, bens, liberdades e segurança afetam as mulheres ao diminuir a qualidade das suas vidas e ao cercear a conquista das Aspirações da Agenda 2063.

Para além disso, prática prejudiciais como o casamento infantil, a mutilação genital feminina (MGF), e a preferência por filhos inibem os direitos das mulheres e raparigas e contribuições em esferas públicas e privadas. Mais significativamente, a violência contra mulheres e as jovens (VAWG), incluindo a violência sexual, viola as liberdades pessoais e restringe as mulheres na total envolvimento nas suas comunidades e na sociedade.

O Protocolo de Maputo desempenhou um papel crucial na salvaguarda e no avanço dos direitos das mulheres e raparigas em África. É o primeiro enquadramento legal continental que determina que os Estados-Membros acabem com a discriminação e a violência baseada no género (VBG), e apela à eliminação da MGF. O Artigo 4 do Protocolo exorta à eliminação de todas as formas de VBG e para as mulheres e raparigas desfrutarem plenamente dos seus direitos à vida, integridade e segurança. Quarenta e quatro países ratificaram o Protocolo, e desde a sua adoção, influenciou leis e políticas nacionais para fazer face à violência e à discriminação contra as mulheres e raparigas. Reconhece ainda os direitos de saúde sexual e reprodutora e os direitos reprodutores (SSR e DR) da mulher e o HIV como um aspeto integral dos compromissos e esforços para acabar com a VAWG.

No entanto, a VAWG persiste, e desde o surto da COVID-19, os confinamentos trouxeram um aumento em casos de assédio sexual, casamento infantil, MGF, violência doméstica e abuso sexual de mulheres e raparigas. O ensino e o trabalho online resultaram em abusos online, assédio, cyberflashing e exploração.

Em novembro de 2021, a União Africana lançou a campanha “Masculinidade Positiva”, galvanizando os homens e rapazes como defensores para acabar com a violência contra as mulheres e raparigas no continente. Tais iniciativas e aquelas executadas por líderes neste compêndio atestam os notáveis esforços para empoderar as mulheres e raparigas e acabar com todas as formas de discriminação e violência. Estas líderes depararam-se com discriminação etária, sexismo, falta de recursos, entre outros, e para enfrentar estas barreiras, propõem:

- Aumento na representação de mulheres na tomada de decisões e na criação de políticas.
- Redes de mulheres para se motivarem e defenderem.
- Parcerias e colaborações de várias partes interessadas no empoderamento das mulheres.
- Eventos e campanhas de consciencialização.
- Liderança entre gerações na defesa das mulheres.
- Ativismo online e offline.
- Iniciativas de empoderamento económico práticas para mulheres.

OLUWADAMILOLA AKINTEWE

Nigéria



Oluwadamilola Akintewe é a filha de um agricultor pobre que demonstrou possuir excelência acadêmica e capacidade de liderança desde tenra idade. Agora, é defensora para os direitos das mulheres e raparigas, a igualdade de género, a participação de jovens na governação e a erradicação de violência baseada no género.

Akintewe é a fundadora de 'Project Rebirth', uma iniciativa que fornece formação em competências em moda ecológica e empréstimos sem caução para mulheres na área da agricultura. Mais de 140 mulheres beneficiaram com esta iniciativa. Também proporcionou bolsas de estudos e orientação profissional para mais de 3000 raparigas em escolas secundárias em quatro estados da Nigéria através da organização 'Girl Up Nigeria' enquanto cofundadora e vice-presidente.

A Sra. Akintewe, um membro inaugural do Margaret Ekpo Youth Fellowship, foi reconhecida pelos Direitos da BAOBAB e OSIWA em 2021. Foi a líder mais jovem entre a lista das principais 100 mulheres a criar uma África melhor da WeForGood International. Foi também seleccionada para um prémio "30 under 30" e tornou-se a primeira vencedora do prémio Samantha Singh para jovens na política de desenvolvimento.

Durante o confinamento devido à COVID-19, lançou 'Forbidden Topics', uma plataforma online que amplifica as vozes de raparigas adolescentes e jovens mulheres que enfrentaram injustiças sociais, tais como falta de recursos no período da menstruação, sexismo institucional, casamento infantil, mutilação genital feminina e violações.

A Sra. Akintewe organizou também o Projeto Escola Segura para colmatar a diferença de desigualdade educativa para crianças em comunidades rurais, ao criar aulas físicas socialmente distanciadas em aglomerados com professores voluntários em cinco estados Nigerianos dirigidas a mais 500 estudantes.

Oluwadamilola Akintewe é uma jovem líder cujo objetivo é ver as mulheres e raparigas africanas a dismantelar as estruturas patriárquicas que têm impedido a lideranças das mulheres em todos os setores.





CATHERINE KIAMA
Quênia

Catherine Kiama tem a Carta dos Direitos das Raparigas Global (Global Girls' Bill of Rights) como o seu trabalho de maior orgulho, uma declaração dos direitos que todas as raparigas têm direito, escrita por raparigas, para raparigas. Mais de 1000 raparigas contribuíram para a carta dos direitos apresentada às Nações Unidas durante o Dia Internacional da Criança de Sexo Feminino em 2019.

Aos vinte e dois anos, criou a 'Sisterhood Initiative' (Iniciativa de Irmandade), um programa de mentoria que impacta diretamente mais de 2000 raparigas no Quênia. Kaiama é a Diretora de Programas na organização 'She's The First', onde projeta programas que respondam às necessidades sentidas por mulheres e raparigas. Utilizou a sua experiência em primeira-mão para apoiar organizações como a Nike Foundation, o Programa Youth in Action de Amref, Akili Dada, e Make Every Woman Count. Projetou o programa de mentoria online Women in International Affairs Network, que permite que as jovens mulheres no setor de desenvolvimento acedam à mentoria durante sete meses.

Durante a pandemia de COVID-19, para além das suas ações de defesa, ela e os seus colegas assumiram cortes salariais para cumprir as suas obrigações com parceiros. Os seus esforços permitiram que mentores alcançassem 7867 raparigas com materiais e métodos adaptados, lecionassem aulas de direitos reprodutores e saúde sexual a 6780 raparigas, e aumentaram o acesso a tecnologia para 1340 raparigas. Através do Fundo de Resposta à COVID-19, forneceram kits de cuidados (alimentos, água, e produtos para a menstruação) a mais de 1000 raparigas e famílias em mais de 60 comunidades.

Catherine Kaiama é uma líder inspiradora que se destaca por entre os seus pares.



ESTHER MWAURA-MUIRU

Quênia

Esther Mwaura-Muiru começou a sua jornada feminista Conferência sobre a Mulher das Nações Unidas de 1995 em Pequim. Fundou a GROOTS Kenya (Grassroots Organisations Operating Together in Sisterhood - Organizações de base operando juntas em irmandade) - um movimento popular feminista a organizar mais de 200.000 trabalhadores do setor informal impactados pelo VIH/SIDA e alterações climáticas para desenvolvimento de alianças, cooperação entre pares, e sensibilização promovida pela comunidade.

Nos anos 90 e 2000, organizou uma aliança domiciliar para cuidadores para apoiar a sua resposta eficaz à pandemia de VIH/SIDA, evoluindo para uma campanha para os direitos de herança de viúvos e órfãos. Sob a sua liderança, estes grupos ganharam o Prémio Laço Vermelho do PNUD.

Os esforços de Mwaura-Muiru mudaram os papéis e perceções das mulheres de base no Quênia. As mulheres não são vistas como recetoras de caridade e objetivos de desenvolvimento, mas sim como agentes de mudança que impulsionam a transformação da comunidade entre legisladores, financiadores, investidores e profissionais de desenvolvimento.

Mwaura-Muiru defendeu o financiamento para organizações de base, e, como resultado, existem agora 3500 organizações comunitárias de defesa das mulheres. Através da GROOTS, Mwaura-Muiru organizou mulheres e raparigas em mais de 5000 organizações de base e uma rede de solidariedade nacional com ligações e alianças com órgãos ativistas regionais e globais. Inaugurou atividades de desenvolvimento de liderança para mulheres e apoiou-as para conseguirem posições de alto nível nacionais e internacionais, estabelecendo o Centro UONGOZI - um centro de desenvolvimento de liderança transformador para as mulheres na comunidade.

Fez campanha por reformas agrárias, assegurando a igualdade de género no acesso, controlo e propriedade de terras, o que influenciou a política fundiária nacional do Quênia.

Projetou também várias iniciativas para aumentar o acesso a créditos financeiros no Community Resilience Fund (Fundo para a Resiliência das Comunidades) - um fundo de manejo gerido por mulheres nas comunidades para o desenvolvimento de resiliência, e o Agri-Business Fund (Fundo para as Agroindústrias) - um esquema de garantia de crédito de 1 milhão de dólares para agricultoras rurais. Estabeleceu a primeira cooperativa apenas para mulheres na comunidade de sempre - GROOTS Saving and Credit Cooperative Society (Sociedade Cooperativa de Poupança e Crédito da GROOTS).

Esther Mwaura-Muiru é uma defensora cuja clarividência elevou e transformou as vidas e as condições de vida de milhares de mulheres africanas.



CAROLINE OWASHABA

Uganda

Caroline Owashaba é uma defensora e embaixadora da justiça social, igualdade de gênero e oportunidades iguais. É a fundadora de Action for Youth Development Uganda (Ação para o desenvolvimento juvenil do Uganda), uma organização indígena, sem fins lucrativos, focada nos jovens e a criadora de 'Girl Talk Leadership Club', uma iniciativa de transformação social que forma e orienta raparigas com idades entre os 10 e os 16 anos.

Nos últimos três anos, Owashaba formou mais de 650 embaixadoras de crianças do sexo feminino, 66 líderes de comunidades, agentes da lei, e professoras em competências de liderança e mentoria. Por sua vez, as embaixadoras de crianças do sexo feminino formaram mais de 4000 outras para fazer o mesmo. Através do seu clube, Owashaba fez com que raparigas voltassem à escola, defendendo a segurança e a educação das mesmas, e pressionou os líderes de distrito para adotarem um estatuto que vise acabar com os casamentos infantis.

A Sra. Owashaba também dirige programas de literacia financeira e climáticos através das suas iniciativas. Criou um programa de agricultura climaticamente inteligente em escolas primárias para ensinar as raparigas a identificarem desafios comunitários ambientalistas e a proporem soluções inovadoras para os mesmos. A sua campanha 'Know Your Budget' ajudou a equipar jovens mulheres líderes com as competências financeiras para assegurar a responsabilização governamental para verbas orçamentadas.

Durante a pandemia de COVID-19, Owashaba desenvolveu diversas parcerias para desenvolver uma nova coligação - a 'Girls not Brides Uganda Western Alliance'. Esta nova coligação advoga contra os casamentos infantis e a VBG e promove serviços de saúde para as raparigas devido ao encerramento de escolas. Owashaba desenvolveu também as declarações políticas da agricultura e educação para os legisladores nacionais do Uganda através do National Youth Advocacy Forum (Fórum Nacional de Defesa dos Jovens) para mitigar os efeitos específicos da pandemia em mulheres e raparigas.

Caroline Owashaba é uma líder que está determinada em acabar com práticas prejudiciais em mulheres e raparigas no Uganda.

AIMEE LAETITIA UMUBYEYI

Ruanda



A visão de Aimee Laetitia Umubyeyi é para um Ruanda neutro do ponto de vista do gênero e para desenvolver mulheres jovens economicamente fortes. Defende a igualdade de gênero e a eliminação da VBG.

Umubyeyi é a fundadora da iniciativa UMUBYEYI, que se foca em ações práticas para empoderar as mulheres a nível económico. Através do seu projeto de suinicultura, ela dá às mulheres um porco como capital para estabelecerem um negócio agrícola, e estas, por sua vez, devem devolver dois porcos para ajudar outras. Em três anos, 874 mulheres e raparigas beneficiaram com isto.

A defesa de Umubyeyi contra a VBG inclui a educação de jovens homens para respeitar as mulheres, e esclarecer as jovens raparigas contra gravidezes na adolescência. Aimee reabilita também mães adolescentes vítimas de abusos e reconcilia-as com os seus progenitores.

Foi reconhecida com um Young Rwandan Achiever do ano de 2017 pela Sua Excelência Primeira Dama do Ruanda, Janet Kagame e o Ministério da Juventude e da Cultura. O seu projeto URUBOHERO, que apoiou 237 mulheres vulneráveis e promoveu os direitos das mulheres e das raparigas, ganhou o “Best Young Innovator in Rwanda” da Digital Opportunity Trust (DOT) em 2017.

Durante a pandemia de COVID-19, Umubyeyi organizou um retiro de três dias com 60 mães adolescentes, 30 jovens raparigas com menos de dezoito anos e 10 membros do Conselho de Crianças para esclarecer o impacto da pandemia em vítimas de VBG. Criou também uma página Web que ensina as mulheres e raparigas sobre saúde reprodutora e sexual na adolescência e outras competências sobre a VBG, traumas, e saúde mental. O sistema envia lições semanais para beneficiários registados e guarda as suas informações para lhes fornecer ajuda no futuro.

Os projetos inovadores de Aimee Laetitia Umubyeyi estão a criar mulheres fortes que construirão o futuro do Ruanda.



Com **42** dos **55** Estados-Membros a terem ratificado o Protocolo de Maputo sobre os direitos das mulheres, apelo aos restantes 13, que ainda não ratificaram o Protocolo, para o fazerem urgentemente.

Nana Akufo-Addo, Presidente do Gana



Se a história de África fosse escrita por Africanos e por mulheres, acredito que encontraríamos muitos heróis desconhecidos.

Sahle-Work Zewde, Presidente da Etiópia



A Agenda 2063 apela à atribuição de, pelo menos, 25% dos contratos públicos a empresas de mulheres, contudo, é dado menos de 1% de contratos públicos às empresas de mulheres. Temos de mudar isto. Não é insensato advogar para legislação preferencial em matéria de contratos públicos em benefício de empresas de mulheres.

Cyril Ramaphosa, Presidente da África do Sul



Devemos desenvolver a nossa narrativa e desafiar pensamentos e paradigmas convencionais.

**Dra. Nkosazana Dlamini-Zuma,
Antiga Presidente da Comissão da UA**



À medida que a nossa marcha para empoderar mulheres e raparigas continua, recordemo-nos: não há igualdade de género sem saúde e direitos reprodutivos e sexuais, e não há saúde nem direitos reprodutivos e sexuais sem igualdade de género.

Natalia Kanem, Diretora Executiva do Fundo das Nações Unidas para a População



A desigualdade de género é uma questão de poder. E se há algo que aprendi ao longo do tempo é que o poder não é oferecido. Deve ser tomado.

**António Guterres,
Secretário Geral das Nações Unidas**





CAPÍTULO 3

Inclusão Financeira, Comércio e Empreendedorismo

A inclusão financeira, o comércio e as oportunidades empresariais são os três elementos essenciais para o crescimento e o desenvolvimento económicos no mundo moderno do conhecimento e das economias baseadas no digital. As mulheres e raparigas necessitam de aceder a serviços financeiros acessíveis que lhes permita fazer transações facilmente, pagamentos, poupanças dos seus ganhos, e aceder a créditos e seguros.

As mulheres africanas são desproporcionalmente afetadas pela falta de acesso às finanças. Apenas 37 por cento das mulheres na África Subsariana têm uma conta bancária, em comparação com 48 por cento dos homens. No Norte de África, a diferença entre géneros no acesso às finanças é de 18 por cento, a maior a nível mundial. No entanto, precisam especialmente de acesso a serviços financeiros como uma base para o seu empoderamento económico, especialmente em consonância com a Aspiração 1 continental para “Uma África próspera, com base no crescimento inclusivo e no desenvolvimento sustentável.”

Quer através de atividades empreendedoras ou trabalho nos setores formais ou informais, as mulheres precisam de empoderamento para lutar contra a pobreza e ganhar independência financeira. Tal requer colaborações, parcerias, e intervenções entre os Estados-Membros da UA, o setor privado e organizações da sociedade civil e outras partes interessadas.

A União Africana declarou de 2020 a 2030 como a “Década da Inclusão Financeira e Económica das Mulheres Africanas” para promover o aumento das ações que melhoram a inclusão financeira das mulheres em direção ao desenvolvimento sustentável. Tal alinha-se com um dos resultados dos quatro pilares da Estratégia da UA sobre a GEWE - empoderamento económico e inclusão financeira através de rendimentos e proteção social.

O Fundo da União Africana para as Mulheres Africanas apoiou organizações de mulheres com base na comunidade ao mobilizar recursos financeiros para programas e projetos de

desenvolvimento. Apoia iniciativas de mulheres que procuram erradicar a pobreza, colmatar a diferença de géneros e parar a marginalização das mulheres. O Fundo encoraja também a partilha de experiências e práticas melhores sobre o empoderamento económico, político e social de mulheres, assim como o fortalecimento de capacidades das mulheres na liderança, gestão e no espírito empreendedor.

Este capítulo apresenta mulheres líderes no setor financeiro e no empreendedorismo que contribuem para o empoderamento económico e a maior inclusão financeira das mulheres para um continente próspero. Tiveram de ultrapassar importantes desafios e propuseram recomendações para catalisar a participação total das mulheres nestas áreas.

- Tornar a educação financeira uma parte do desenvolvimento de capacidades de liderança para as mulheres.
- Aumentar orientação empresarial e financeira para raparigas e jovens mulheres.
- Aumentar a defesa para financiamento inclusivo de empresas de mulheres.
- Aumentar o financiamento para programas de género.
- Encorajar a literacia financeira para jovens mulheres em comunidades rurais.
- Voltar a focar nas mulheres como impulsionadores económicos chave pós COVID.
- Assegurar a participação das mulheres como pessoas de recursos em conferências em todo o continente.

Estas são as histórias de líderes de finanças e empreendedoras, impulsionadoras de mudança que empoderam outros e mantêm um compromisso de aprendizagem ao longo da vida, desenvolvimento de capacidades e total inclusão económica para mulheres e raparigas em África.

¹⁶ Hanan Morsy Access to Finance: Why Aren't Women Leaning In? Finance & Development, March 2020, Vol. 57, No. 1, <https://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2020/03/africa-gender-gap-access-to-finance-morsy.htm>



DRA. MILLICENT OMUKAGA
Quênia

A Dra. Millicent Omukaga é uma profissional financeira e de género que tem ocupado posições de liderança na sociedade civil e em instituições financeiras do setor público e privado. A Dra. Omukaga é impulsionada pela criação de oportunidades económicas para as mulheres e jovens em África, especialmente no seu país, o Quênia, e está ativamente envolvida na mentoria da próxima geração de líderes financeiros.

Como coordenadora-geral dos programas na rede Pan-Africana de instituições financeiras, a Dra. Omukaga estabeleceu a plataforma Fin4Ag, revolucionando o financiamento para negócios agrícolas de mulheres de pequena escala em comunidades rurais. Como Gerente Geral num banco de microcrédito para mulheres, supervisionou uma carteira de crédito, de mais de 200 milhões de dólares, fazendo-a crescer em 40% com uma taxa de reembolso de 98% dirigida a mais de 400.000 mulheres que receberam desenvolvimento de capacidades personalizadas ao longo de dois anos.

Como diretora de operações numa instituição financeira do estado, lançou Women Affirmative Access-to-finance Window (WAAW) (janela de acesso ao financiamento afirmativo para mulheres) para acelerar o acesso ao financiamento para mulheres em negócios agrícolas.

Como Conselheira Política sobre o Empoderamento das Mulheres e o Financiamento Afirmativo no Banco Africano de Desenvolvimento (BAD), a Dra. Omukaga estabeleceu um esquema de garantia de crédito para diminuir o risco das empresas das mulheres. Estabeleceu também o Gender Equality Trust Fund (GETF) (Fundo Fiduciário para a Igualdade de Género) do Banco, um meio para impulsionar o empoderamento das mulheres por todo o continente.

Recebeu vários prémios, bolsas e condecorações, incluindo o “Angaza Award” de Kenyan Wallstreet como uma das mulheres a moldar o panorama financeiro na África Oriental e o prémio da Primeira-Dama do Quênia pelo empoderamento económico e a inclusão financeira para mulheres e raparigas durante as celebrações do Dia Internacional da Mulher de 2021.

A Dra. Millicent Omukaga é uma otimista, cujo sonho é ver todas as mulheres africanas tornarem-se economicamente independentes e empoderadas.

SEUN SHOKUNBI

Nigéria



Seun Shokunbi é uma educadora, oradora, analista de dados, e gerente de subvenções a empoderar mulheres e raparigas através da tecnologia e do empreendedorismo social.

Fundou a Karfi Foundation, que conecta empreendedores sociais a recursos, liderando três programas emblemáticos através de workshops de desenvolvimento de capacidades para jovens num dos maiores bairros urbanos degradados em Kibera, Nairobi. A Sra. Shokunbi orientou também programas de empreendedorismo social pan-africanos de vários países virtuais para participantes no Gana, Nigéria, Quênia, e na África do Sul.

Durante a pandemia de COVID-19 em 2021, a Karfi Foundation associou-se à Universidade de Chicago e a empresas de capital de risco para lançar o seu programa de incubação IRON para fornecer formação e mentoria gratuitas para mais de 50 mulheres sobreviventes de VBG no norte da Nigéria.

Shokunbi alargou o âmbito da Karfi Foundation, fazendo a correspondência entre investidores de risco e mentores com mulheres empresárias sem recursos para uma oportunidade de acederem a um mínimo de 15 000 dólares em financiamento inicial. Utilizou o WhatsApp como uma plataforma para educar as mulheres relativamente a formas de orientarem os seus negócios para combaterem os desafios da recessão económica global.

Seun Shokunbi é uma líder visionária que obtém e sustém recursos para futuros negócios e líderes sociais no continente Africano.



**JAYNA WIATTA
THOMAS**
Libéria

Jayna Wiatta Thomas é a fundadora da 'Dare to Innovate', uma incubadora sem fins lucrativos que investe no ecossistema empresarial para impulsionar a mudança social na Guiné.

Desde a sua origem, a incubadora de Jayna investiu em vários programas como o 'AgriHub', que utiliza um modelo de franquia social para desenvolver e gerir cadeias de valor agrícolas, permitindo que os empreendedores se foquem na produção. Mais de 60 negócios dependem do 'AgriHub' para combater as altas taxas de importação de produtos alimentares na Guiné.

A Sra. Thomas cofundou também 'AquaFarms' Africa (AFA) para substituir importações com produtos cultivados localmente e de forma sustentável e peixes utilizando sistemas aquapónicos eficientes. As mulheres detêm todas as franquias e constituem setenta por cento da sua equipa de gestão.

É também a fundadora de 'Natri', um negócio de cadeia de abastecimento da "quinta para a mesa" 'Spark Rise Ventures', um fundo de investimento para ideias Africanas e 'AWE, Inc.', uma empresa de comércio sustentável de minerais e mercadorias.

Jayna Wiatta Thomas é uma empreendedora em série, uma colaboradora perspicaz, e uma defensora das mulheres africanas empoderadas.



Como os apelos e a solidariedade para o alívio da dívida aumentam, todas as ajudas para a COVID-19 oferecidas devem ajudar a reduzir os encargos desproporcionados com a pobreza dos ombros e das costas das mulheres. Novos orçamentos devem dar prioridade a terminar quando a desigualdade entre mulheres e homens.

Bineta Diop, Enviada Especial do Presidente da Comissão da União Africana sobre as Mulheres, Paz e Segurança

Acredito que quando encontramos problemas, encontramos também soluções.

**Ngozi Okonjo-Iweala,
Diretora Geral da Organização Mundial do Comércio**



A liderança nunca é dada em uma bandeja de prata. É preciso merecê-lo.

**Ellen Johnson Sirleaf,
Antigo Presidente da Libéria**

A educação é o melhor antídoto contra o casamento infantil. Quanto mais tempo uma rapariga fica na escola, maiores as suas hipóteses de maior realização económica na vida. Devemos acabar com todas as formas de casamento infantil. Para os homens: casem com pessoas da vossa idade, deixem as nossas raparigas em paz.

**Dr Akinwumi Adesina,
Presidente do Banco Africano de Desenvolvimento.**



Devemos projetar um futuro moldado por mulheres e raparigas que reconheça os seus direitos e aspirações para um mundo onde a igualdade é uma realidade.

**Amina J Mohammed,
Secretária-Geral Adjunta das Nações Unidas**

A maior representação feminina em cargos de decisão pode inspirar novas gerações de mulheres líderes e reduzir a diferença de género a nível de inclusão financeira.

**Dra. Monique Nsanzabaganwa,
Vice-Presidente, Comissão da União Africana.**





CHAPTER 4

Ambiente, Agricultura e Alterações Climáticas

As alterações climáticas são uma ameaça existencial ao mundo atual, uma vez que têm impacto no ambiente, agricultura, na segurança alimentar, nutrição, escassez de água e nos conflitos. Os seus efeitos em África são particularmente notórios, uma vez que o continente contribui com as emissões mais baixas de gases com efeito de estufa (GEE), mas está prestes a enfrentar a pior das suas consequências.

A Estratégia da UA para a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres identifica as alterações climáticas como uma das causas profundas para a desigualdade de género, afetando as vidas e as condições de vida das mulheres. As mulheres dependem do ambiente, especialmente no caso da agricultura, envolvendo a produção de alimentos, a segurança alimentar, e outros empreendimentos relacionados e são quem mais depende dos recursos naturais. No entanto, são elas que têm a menor capacidade para responder a ocorrências climáticas angustiantes, como o aumento da temperatura, a variação da precipitação, climas extremos, más colheitas, pragas e surtos de doenças, e degradação geral dos recursos terrestres e hídricos .

Como parte da Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável, o enfoque do mundo é para proteger o planeta da degradação ao chamar a atenção para o consumo e a produção sustentáveis dos seus recursos naturais, à medida que se promove a gestão sustentável e a tomada de ações urgentes relativas às alterações climáticas.

Estes ideais apenas são alcançáveis quando as mulheres são parte de quaisquer decisões, políticas, planos, ações e soluções para mitigar

a crise climática. Como pessoas na linha da frente, podem partilhar conhecimento das suas práticas - perspetivas únicas que, frequentemente, faltam em discussões políticas, mas que são necessárias para elaborar uma imagem abrangente das experiências vividas das mulheres nas comunidades que sofrem as consequências da crise climática. Tais compromissos inclusivos também impulsionam a concretização do Programa Integrado para o Desenvolvimento da Agricultura em África (CAADP), permitindo que os Estados-Membros da UA abordem problemas transformadores essenciais no desenvolvimento agrícola.

Este capítulo destaca as conquistas das mulheres líderes que implementaram soluções adaptáveis sensíveis à dimensão de género inovadoras e defender a mudança. Esta determinação incessante permitiu-lhes ultrapassar desafios tais como a desigualdade de género social predominante que impede os seus esforços. No entanto, mantêm-se firmes no seu percurso, frequentemente procurando promover solução, tais como:

- Aumentar a participação das mulheres na política e na tomada de decisões em espaços públicos.
- Aumentar a participação das mulheres no solucionamento de problemas climáticos.
- Aumentar a sensibilização acerca de assuntos de alterações climáticas e os seus efeitos.

As suas histórias destacam a responsabilidade coletiva necessária para desenvolver ambientes sustentáveis para as gerações africanas futuras.

¹⁷ African Union AU Strategy for Gender Equality & Women's Empowerment 2018-2028

FIHIMA MOHAMED

Jibuti



A campanha de Fihima Mohamed para prevenir a fome no seu país de origem, produzir alimentos de forma económica e empoderar outros começou após ter testemunhado a privação da guerra da Somália.

É a fundadora da Plant Tree Plant Hope Foundation. Este projeto de agricultura orgânica restaurou quintas abandonadas, plantou mais de 8000 árvores, e criou mais de 1000 empregos, influenciando ainda o governo do Djibuti a plantar mais de 100 000 árvores numa iniciativa de reflorestação.

A Sra. Mohamed é uma defensora de educação e género que forneceu bolsas a mais de 100 raparigas de famílias pobres que ajudaram a manter as raparigas na escola. Outras intervenções para estas alunas incluíram o fornecimento gratuito de absorventes, a par da defesa de taxas de 0 por cento em produtos higiénicos para a menstruação. Em janeiro de 2021, o governo reduziu as taxas de 33 por cento para 0 por cento.

É também a fundadora da 'Women Initiative', uma plataforma 100 por cento feminina estabelecida para orientar a geração futura de mulheres no Jibuti. Em 2019, como parte do seu 'One Program', 820 raparigas encontraram universidades ou bolsas adequadas para continuar a sua formação.

Fihima Mohamed é uma líder inspiradora cujo objetivo é abrir a primeira instituição para formar as mulheres do Jibuti em política e liderança.



FORGET SHAREKA

Zimbabué

Forget Shareka é uma engenheira agrícola, empreendedora e inovadora que luta pelas alterações climáticas e por negócios agrícolas sustentáveis no Zimbabué.

É a fundadora de 'Life Hope Future Association (LIHFA)', uma organização com base na comunidade que oferece formação vocacional de negócios agrícolas e empreendedorismo. Até ao momento, a organização LIHFA apoiou 45 agricultores no distrito de Mbire. É também a cofundadora de 'Chashi Foods', uma empresa social que utiliza processamento de alimentos inovador para minimizar a perda e o desperdício de alimentos, formando mais de 250 agricultores em tecnologias de secagem em casa.

A Sra. Shareka é um membro da Campaign For Female Education (CAMFED) (Campanha para a Educação Feminina), na plataforma da qual defende a educação de raparigas para resolver problemas de alterações climáticas.

Durante a pandemia de COVID-19, Chashi Foods fez um avanço no mercado para mais de 150 agricultores em cinco comunidades, prevenindo o desperdício de cinco toneladas de frutos e vegetais.

O seu extenso trabalho relativo às alterações climáticas e agricultura climaticamente inteligente já lhe valeu várias distinções e prémios, incluindo o "Ellie Maxwell Award" na Universidade de Edimburgo em 2021, "Young Entrepreneur Award", "Green EnterPrize Innovation Challenge" em 2020, "Net Impact Climate Ambassador" e o "UNFCCC Climate Fellow" em 2019.

Forget Shareka cria oportunidades para a juventude, mulheres e agricultores do Zimbabué, ajudando-os a alcançar o seu total potencial através de agronegócios viáveis.



CAPÍTULO 5

Infraestruturas e Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (CTEM)

Os ricos recursos naturais de África e as suas indústrias extrativas de apoio criam setores formidáveis que requerem tecnologia moderna e infraestruturas para funcionar eficazmente para o crescimento e desenvolvimento económicos. Estes setores altamente técnicos são, normalmente, dominados por homens, com uma participação feminina limitada e menos líderes femininas necessárias para alcançar a sua produtividade máxima geral. As mulheres africanas constituem apenas 30 por cento dos profissionais na área da tecnologia. Principalmente, em planeamentos e projetos infraestruturais, a contribuição das mulheres é necessária para equilibrar quaisquer consequências negativas.

A Estratégia da UA para a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres propõe a inclusão plena de mulheres e raparigas na informação, comunicação e tecnologia. No entanto, determinados fatores como a disponibilidade, acessibilidade, capacidade e competências dificultam as tecnologias da informação e da comunicação e criam disparidades entre homens e mulheres.

Os esforços para abordar estas disparidades incluem plataformas como a African Network for Women in Infrastructure (ANWI) (Rede Africana para Mulheres em Infraestruturas) que promove a participação das mulheres africanas no desenvolvimento de infraestruturas aos níveis nacional, regional e global. Para além disso, a Estratégia de Ciência, Tecnologia e Inovação para África da União Africana 2024 (STISA-2024) pretende aumentar o papel de África na investigação global, no desenvolvimento e transferência de tecnologia, inovação e desenvolvimento de conhecimentos como fatores essenciais de desenvolvimento e crescimento socioeconómicos.

Colmatar estas disparidades também começa com a educação das raparigas em CTEM e Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) como um pré-requisito para melhorar as suas competências relevantes para contribuir e liderar em economias baseadas no digital.

As líderes neste capítulo reconhecem a importância da educação de CTEM para raparigas e o seu abrangente impacto em futuros empregos na tecnologia e infraestruturas. Através das suas iniciativas e parcerias, procuram colmatar as disparidades de género nestes setores e, para o aumento geral na participação feminina. Recomendam as seguintes ações-chave:

- Aumento na consciencialização acerca da diferença de géneros na tecnologia.
- Programas mais diversificados para apoiar as mulheres na tecnologia.
- Aumento na defesa do estudo das raparigas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (CTEM).
- Melhoria das infraestruturas e o acesso digitais para mulheres e raparigas em áreas rurais e urbanas.
- Defender contra ambientes de trabalho tóxicos nos setores da tecnologia e infraestruturais.
- Comemorar mais modelos na CTEM e infraestrutura para encorajar jovens mulheres.

Estas líderes encorajam as mulheres e raparigas a verem-se como suficientemente capazes para seguir carreiras nestes setores futuristas das economias de África. São inovadores em busca de direção para o presente e o futuro de África.

¹⁸ UNDP Africa January 31, 2019, Creating A Level Playing Field For Women In Technology In Africa <https://www.africa.undp.org/content/rba/en/home/presscenter/pressreleases/2019/creating-level-playing-field-for-women-in-technology-in-africa.html>



**OREOLUWA
ABIODUN LESI**
Nigéria

Oreoluwa Abiodun Lesi é uma economista, empreendedora social, especialista global em tecnologias de informação, e a fundadora do Women's Technology Empowerment Centre (W.TEC) (Centro de Empoderamento Tecnológico para Mulher), uma organização sem fins lucrativos comprometida em desenvolver um ecossistema de tecnologia mais inclusivo..

Projetou programas de alta qualidade para mais de 31 000 mulheres e raparigas, ensinando estudante a criar e utilizar a tecnologia de forma segura e produtiva. Apoia também as mulheres a utilizar tecnologia para o empreendedorismo, desenvolvimento da carreira, atividades de aprendizagem e de liderança.

A Sra. Lesi foi selecionada para conceber o primeiro clube de tecnologia nacionalmente coordenado do governo Nigeriano para raparigas, com mais 1200 a participarem. Para além disso, entre muitos prémios, foi reconhecida como uma Campeã pela Cimeira Mundial sobre a Sociedade da Informação em 2020 e recebeu o prémio "Anita Borg Change Agent".

Durante a pandemia de COVID-19, a Sra. Lesi projetou e lançou programas online práticos com sucesso para raparigas do secundário utilizando plataformas de poucos recursos como o WhatsApp para permitir que continuassem com os seus estudos. Lançou também um podcast de mentoria semanais e inspirador para encorajar as jovens mulheres a encontrarem e seguirem o seu propósito através do trabalho.

Oreoluwa Abiodun Lesi é uma líder da tecnologia pioneira cujo trabalho e legado serão lembrados durante várias gerações.



DRA. OLATOKUNBO ARINOLA SOMOLU

Nigéria

O legado da Dra. Olatokunbo Arinola Somolu ergue-se na cidade Abuja, capital da Nigéria nas icônicas Torres da Nigeria National Petroleum Corporation (NNPC). Uma engenheira estrutural, educadora, e defensora da CTEM, é a primeira mulher Nigeriana a obter um doutoramento em qualquer campo da engenharia na Nigéria.

Dra. Somolu passou cinco anos como professora sênior no início da sua carreira, ascendendo para se tornar a chefe do departamento de engenharia civil no Yaba College of Technology. Continuou a formar e orientar outros engenheiros através de associações de estudantes de engenharia, impactando as vidas de mais de 1500 engenheiros.

Na maior parte da sua carreira, Dra. Somolu trabalhou na NNPC, ascendendo para se tornar a primeira Gerente Geral do Grupo mulher a chefiar a Divisão de Engenharia e Tecnologia (Engineering and Technology Division - ETD). Foi a engenheira e gestora de projeto para diversos projetos notáveis, incluindo complexos de escritórios de referência, o Atlas Cove Jetty, e as mega estações da NNPC e as estações de abastecimento flutuantes. Este último foi o primeiro do seu gênero a ser construído em betão em qualquer lugar no mundo.

A Dra. Somolu ocupou também o cargo de membro do conselho de várias agências governamentais, incluindo a Federal Emergency Road Management Agency (FERMA) e a Nigerian Inland Waterways Authority (NIWA). É também uma colaboradora da Nigerian Society of Engineers (Sociedade Nigeriana de Engenheiros) e na Academia Nacional de Engenharia. Foi distinguida como uma das principais 50 Mulheres Nigerianas de Distinção pela Primeira-Dama como parte das comemorações do 50.º aniversário da independência em 2010.

A Dra. Somolu é uma curadora na W.TEC, um membro do conselho, e uma pessoa de recursos em vários programas que promovem o estudo da CTEM e as suas profissões. É uma conceituada mentora para engenheiras mulheres entre gerações por toda a Nigéria.

Dra. Olatokunbo Arinola Somolu é uma líder inspiradora com um impacto inspirador num setor dominado por homens.





Nunca aceites 'Porque és uma mulher' como motivo para fazer ou não fazer alguma coisa.

**Chimamanda Ngozi Adichie,
Escritora Nigeriana**

Não podemos continuar a ignorar os atos e conquistas corajosos de mulheres que continuam a demonstrar força apesar das dificuldades que enfrentam nos dias de hoje nas nossas sociedades. Cabe a todos nós tornar este mundo um lugar melhor ao assegurar que as mulheres fazem parte do progresso a ser realizado, e que ninguém é deixado para trás.

Dr Ibrahim Mayaki, Antigo Primeiro-Ministro do Níger



Nós, Africanos, temos que ser capazes de lidar com os nossos problemas. A ajuda externa não está errada, mas temos de aprender a ser responsáveis pelas nossas próprias atitudes.

**Angelique Kidjo,
Compositora e cantora Beninense**

Continuamos a realçar que a democracia deve assegurar a participação de todos, incluindo dos marginalizados - jovens, mulheres, pessoas a viver com incapacidades físicas

**Bankole Adeoye,
Comissário da União Africana para os Assuntos
Políticos, Paz e Segurança**



A solidariedade entre mulheres pode ser uma poderosa força de mudança, e pode influenciar o desenvolvimento futuro de formas favoráveis não só para as mulheres, mas também para os homens

**Nawal El-Saadawi,
Escritora, médica, psiquiatra e feminista Egípcia**



CAPÍTULO 6

Educação

A educação é a pedra basilar do desenvolvimento social e económico, e a fundação das sociedades modernas. A educação e o trabalho de cuidado através do ensino obrigatório e gratuito para mulheres e raparigas com idades entre os 3 e os 18 anos, e a formação vocacional orientada para o mercado e programas de literacia para jovens e mulheres são prioridades essenciais para a Estratégia da UA para a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres.

Educar jovens mulheres é uma forma crucial e eficaz para prevenir gravidezes indesejadas, minimizar abusos, combater a pobreza e doenças, e empoderá-las para tomarem melhores decisões a longo termo que afetem as suas vidas, famílias e comunidades. O acesso à educação de raparigas ainda é um desafio em África, com 52 milhões delas em 2019 a não estarem na escola, e 4 milhões delas nunca frequentarão a escola, o que é o dobro da taxa para rapazes. As raparigas africanas têm maior probabilidade de ser permanentemente excluídas do ensino, e um risco mais alto de serem deixadas para trás .

Os sistemas de educação e formação de África precisam de uma transformação que dê prioridade ao acesso e à retenção de raparigas na escola através da inovação e tecnologia, especialmente para combater gravidezes indesejadas, casamentos precoces e outras situações que impedem que as raparigas continuem na escola. A União Africana desenvolver uma Estratégia Continental de Educação para África (CESA 16-25) integral de dez anos para estabelecer um sistema qualitativo de educação e formação para fornecer ao continente recursos humanos eficientes adaptados aos valores base africanos, capazes de alcançar a visão e as ambições sob a Agenda 2063 e outros compromissos relevantes. O estabelecimento

do Centro Internacional para a Educação de Mulheres e Raparigas em África da União Africana (AU-CIEFFA) como uma instituição especializada da União Africana contribui para a promoção da educação de raparigas e mulheres nos Estados-Membros da UA.

Neste capítulo, estas líderes defenderam prioridades de educação estratégicas através de projetos dirigidos a mulheres e raparigas. Recomendam algumas das seguintes coisas para combater as disparidades de género na educação em África.

- Melhorar o suporte mais multifacetado (financeiro, psicológico, solidário, etc.) para mulheres líderes no setor da educação.
- Lutar por fundos especificamente dedicados à educação das raparigas e jovens mulheres.
- Aumento das oportunidades para aprendizagem online.
- Aumento de mais oportunidades para as mulheres adquirirem competências profissionais.
- Organizar campanhas de sensibilização sobre a importância da educação de crianças do sexo feminino em todos os níveis.
- Criar instituições educativas que são inclusivas no que toca ao género e desprovidas de qualquer discriminação.

Como outras neste compêndio, estas líderes estão focadas em elevar a próxima geração de africanos através de iniciativas de educação inclusivas e sustentáveis. Estão a empoderar os estudantes para mudar o futuro do continente.

¹⁹ Bissoonauth Rita Girls' rights to education: African traditional and religious leaders commit to changing mindsets Global Partnerships September 26, 2019, <https://www.globalpartnership.org/blog/girls-rights-education-african-traditional-and-religious-leaders-commit-changing-mindsets>



HANOU KAFUI AMEKO

Togo

AMEKO Hanou Kafui é a fundadora da 'Woman for Young Women's Association'. Esta organização promove o empoderamento de jovens mulheres através de educação formal e não formal, criando assim uma comunidade de mulheres e raparigas líderes visionárias que contribuem para a vida social, económica e pública, e melhoram as condições de vida nas suas comunidades.

A Sra. Ameko criou também a 'School of Vision', uma formação educacional pioneira, que engloba perspetivas emocionais, espirituais, económicas e sociais. Ensinam as mulheres e as raparigas entre os 18 e os 35 anos a traçarem uma visão das suas vidas ao integrar a noção de equilíbrio nas suas personalidades, capacidades, competências, interesses e valores. Até ao momento, sem apoio externo, mais de 300 raparigas foram impactadas para emergir como líderes, empreendedoras, bloggers, jornalistas e defensoras de causas sociais.

A Sra. Ameko recebeu diversos prémios, incluindo o Prémio da ACNUR para Mulheres a Contribuir para o Desenvolvimento Comunitário de 2021, o prémio "Influential Woman" da Network of Influential Women in Africa (Rede de Mulheres Influentes em África), o prémio "Woman in Africa" 2021 da FNUAP, o "AGIR Foundation Prize" 2020, e o "Deborah Prize For Best Social Innovation in Africa" em 2019. O seu trabalho foi exibido na Radio France Internationale (RFI), Amina Magazine, Ocean's Magazine, Diane Magazine, etc.

Durante a pandemia de COVID-19, lançou EssôXome or Maison de la Vision, um fundo para ajudar a financiar os projetos de mulheres e raparigas inovadoras e empreendedoras. Iniciou também um projeto 'Visionary Resilience' no âmbito do enquadramento da COVID, formando pessoas a desenvolver resiliência em tempos de crise.

AMEKO Hanou Kafui é uma visionária africana que continua a ajudar a desenvolver comunidades que eliminam as desigualdades com base no género.



**GRACE
CHUNDAMA**
Zâmbia

Grace Chundama é uma economista, planeadora do desenvolvimento social e educadora que criou a 'Karis Foundation' para contribuir com iniciativas para responder às necessidades das mulheres, crianças e jovens.

A Sra. Chundama construiu uma escola na vila de Shankalu, que se tornou o centro de toda a educação e formação nesta comunidade. Doou um poço para combater a escassez de água e construiu quatro viveiros para os jovens desempregados e para desenvolvimento de competências. Além do desenvolvimento rural, Chundama implementou também programas de empoderamento económico que ensinam às mulheres competências vocacionais, impactando a vida de mais de 50 mulheres. As suas contribuições para esta comunidade impactaram diretamente mais de 1000 vidas.

Durante a pandemia de COVID-19, a Sra. Chundama embarcou em diversos programas de intervenção para incluir a sensibilização sobre a necessidade de frequentar escolas socialmente afastadas, afetando as vidas de mais de 200 raparigas. Com este aumento na gravidez na adolescência, criou esquemas de patrocínios para encorajar as raparigas a voltarem e continuarem na escola. Colaborou com a 'Lusaka Helps Organisation' para apoiar as comunidades mais vulneráveis ao fornecer bens essenciais para casas, prisões femininas e outros estabelecimentos prisionais.

Grace Chundama é uma líder cuja influência nas comunidades zambianas rurais é abrangente e é digna de louvor.



MOTUNRAYO DEBORAH FATOKE

Nigéria

Motunrayo Deborah Fatoke faz parte dos “Millennium Fellows” das Nações Unidas, é uma empreendedora social, ativista, e embaixadora da juventude global que é a Diretora de Operações na ‘Aid for Rural Education Access Initiative’ e fundadora da ‘LearnAgain’.

A Sra. Fatoke promove a educação com qualidade para crianças carentes, e fornece oportunidades de empoderamento para mulheres em comunidades rurais. Atualmente, gere projetos no valor de mais de 100 000 dólares, alcançando mais de 5000 beneficiários diretos, criando oportunidades de aprendizagem alternativas para as crianças mais pobres no norte da Nigéria, e aumentando a inscrição e a retenção de crianças em idade escolar no sudoeste da Nigéria.

A Sra. Fatoke colaborou com organizações internacionais como a ENACTUS, Their World, UNICEF, YALI Africa, e Millennium Fellowship. Como cofundadora do Philanthropy Circle, angaria fundos para organizações sem fins lucrativos para a educação.

Durante a pandemia de COVID-19 na Nigéria, a Sra. Fatoke e a sua equipa lançaram ‘Cyber Girls Fellowship’, uma oportunidade de 10 meses para raparigas carentes para obterem conhecimentos e competências para uma carreira na Segurança Cibernética.

A educação de Motunrayo Deborah Fatoke e os esforços de empoderamento das mulheres são excecionais e notáveis.

RAFFAELLA GOZZELINO

Cabo Verde



A Dra. Raffaella Gozzelino é uma educadora, académica, e professora, e é a primeira Reitora e a Coordenadora do Campus Mar da Universidade Técnica do Atlântico, em Cabo Verde.

Dra. Gozzelino é também Diretora-Adjunta na 'Association of Women Entrepreneurs in Europe and Africa' e Diretora das 'Angels and Heart', organizações que apoiam causas para melhorar a educação básica e facilitar a provisão de equipamento e infraestruturas médicas em comunidades desfavorecidas. Gozzelino foi homenageada pela Embaixada Cabo-Verdiana em Lisboa por mérito científico e dedicação como uma Mulher na Ciência.

Na qualidade de coordenadora das Escolas Azul Atlântico em Cabo Verde, a Dra. Gozzelino promoveu a educação científica sustentável em escolas do ensino básico, criando um programa de literacia dos oceanos para ensinar as crianças acerca da biodiversidade, conservação, saúde e biotecnologia dos oceanos, assim como outras matérias científicas relevantes.

Na luta contra a COVID-19 em Cabo Verde, a Dra. Gozzelino apoiou médicos ao traduzir materiais científicos para português, à medida que contribuía para documentos sobre o estatuto da COVID-19 no país. Organizou também sessões científicas esclarecedoras, forneceu materiais relevantes como equipamento de proteção, reagentes e consumíveis, kits de extração e pipetas para testes COVID para o Instituto Nacional da Saúde. Como Vice-Presidente de Comissão do Conselho Orçamental da Associação de Saúde e Solidariedade da Diáspora, arrecadou fundos para comprar um ultracongelador para guardar vacinas e amostras dos doentes para investigação futura.

Dra. Raffaella Gozzelino é um símbolo de educação, inovação e mudança, que inspira mulheres cientistas e académicas em todo o lado.



MELATWORK TIBEBU MENGESHA

Etiópia

Melatwork Tibebu Mengesha é uma cientista, escritora, ativista e bolsista de doutoramento na Universidade de Addis Ababa. É a fundadora e diretora de programas da 'WhatNext' e presidente da Associação de Antigos Alunos YALI (Young African Leaders Initiative - Iniciativa de Líderes Jovens Africanos) da Etiópia.

Através da WhatNext, a Sra. Mengesha realiza programas de mentoria e empoderamento semanais que se diferenciam no sentido em que formam jovens mulheres profissionais a alcançarem o sucesso através da conquista do equilíbrio entre o trabalho e a vida pessoal. Consegue isto ao ajudá-las a desenvolver competências de liderança numa forma multidimensional e ao fornecer uma plataforma segura para ligar, interagir e aprender com outros, ao mesmo tempo que desenvolvem as suas competências. O currículo baseia-se na formação de liderança, habilidades sociais, dicas de candidaturas a bolsas, relações, saúde reprodutora, saúde mental e marca pessoal. As sessões são realizadas em Adis Abeba ao longo de quatro meses. A formação é apresentada com uma opção para a certificação caso cumpram os requisitos específicos.

Até ao momento, em quatro ciclos de programa, 90 por cento de todas as participantes foram certificadas, e 860 jovens mulheres foram diretamente afetadas e ainda participam no seu clube de leitura de autodesenvolvimento no Telegram.

Durante a pandemia de COVID-19, organizou programas de mentoria virtuais especiais sobre a saúde mental e a VBG, os dois problemas essenciais a afetar as mulheres nos confinamentos e restrições.

As conquistas de Melatwork Tibebu Mengesha no empoderamento das mulheres falam sobre um futuro africano melhor.



DRA. SARA JEROP RUTO

Quênia

A Dra. Sara Ruto é uma investigadora, professora, defensora dos direitos das crianças e da justiça social, com o seu trabalho a afetar milhões de crianças por todo o continente africano e muito mais além.

Em 1995, a Dra. Ruto cofundou Women Educational Researchers of Kenya (WERK), focando-se na pesquisa educacional para reformas no Quênia, coeditando a primeira documentação de mulheres líderes no Quênia intitulada 'Promises and Realities'.

Em 2008, a Dra. Ruto adaptou a avaliação da aprendizagem Uwezo de ASER-Índia, tornando-o no estudo mais extenso conduzido na África Oriental, envolvendo 30 000 voluntários e avaliando mais de 5 milhões de crianças no Quênia, Tanzânia e no Uganda. Através da Uwezo e outras iniciativas, os governos adotaram intervenções de literacia e matemática de grande escala que beneficiaram mais de 20 milhões de crianças na África Oriental.

A Dra. Ruto estabeleceu a rede People's Action for Learning (PAL) para melhorar os resultados de aprendizagem através de avaliações e intervenções corretivas em 14 países em 3 continentes.

Ocupou também o cargo de presidente do conselho do Kenya Institute for Curriculum Development, onde reformou o currículo nacional para assegurar que é plenamente baseado em competências. O novo currículo está atualmente em vigor em todas as 25 000 escolas primárias no Quênia.

Durante a pandemia, a Dra. Ruto foi nomeada Presidente do Comité de Resposta Educacional da COVID-19 e responsável por explorar formas para restaurar a normalidade no calendário académico do sector do ensino primário e desenvolveu melhores práticas e recomendações para prevenir futuras interrupções escolares para os estudantes quenianos.

A contribuição da Dra. Sara Jerop Ruto para a educação é ímpar. Ascende como um modelo para as mulheres africanas, ao desenvolver África através dos sistemas educativos.



Existem diversas políticas e plataformas para impulsionar a inclusão das mulheres na governação democrática, na construção da paz e no desenvolvimento. O elo em falta continua o nível de implementação destes instrumentos. Se medirmos ativamente a participação das mulheres na governação e se responsabilizarmos ativamente os governos, então deveremos ser capazes de progredir.

Hanna Tetteh, Representante Especial do Secretário-Geral da União Africana



Sabemos a partir de evidências empíricas que as mulheres, jovens africanos e as PME confrontam desafios importantes ao tentar beneficiar com acordos comerciais. Eu, portanto, pretendo tomar medidas concretas para assegurar que as mulheres e jovens africanos estão no centro da implementação da ZCLCA

Wamkele Mene, Secretário Geral do Secretariado da Zona de Comércio Livre Continental Africana

Este é um grande continente. Fiz o ensino primário neste continente, o ensino secundário, universidade. Trabalhei neste continente, e acredito que é um péssimo serviço que, por qualquer razão, as pessoas terem procurado uma imagem de África que está totalmente incorreta.

Dambisa Moyo, Economista e autora Zambiana



Sabemos que o que é necessário ser feito requer vontade política, e sabemos o que é necessário fazer para promover o papel das mulheres na vida pública. O aspeto mais importante é instituir medidas especiais, como quotas e metas de género bem concebidas e eficazmente implementadas.

Phumzile Mlambo-Ngcuka, Antiga Diretora Executiva da ONU Mulheres

O empoderamento económico no continente africano apenas pode ser alcançado se as mulheres ocuparem altos cargos políticos e sociais. Devemos fazer esforços em diversas áreas para assegurar que as mulheres alcançam educação e tiram vantagens das oportunidades emergentes na ciência e tecnologia

Assetou Koite, Antiga Presidente da Organização de Mulheres Pan-Africana.





CAPÍTULO 7

Indústrias Criativas e Desportos

Em maio de 2020, mais de uma centena de artistas e celebridades de todo o continente participaram num concerto online que aumentou a consciencialização relativamente à pandemia de COVID-19. Grandes nomes como a vencedora de Grammy Angélique Kidjo e Sho Majodzi da África do Sul estiveram entre as artistas femininas que atuaram ao vivo e transmitiram online e através de canais televisivos por todo o continente. O poder do setor criativo para potencializar o poder das celebridades e estrelas para uma influência positiva é um valor reconhecido pelos Estados-Membros da UA como defendido no âmbito da Aspiração 5 da Agenda 2063, “para criar uma África com uma forte identidade cultural, património comum, valores e ética.”

A indústria criativa refere-se à arte, multimédia, música, filme, cultura, e outros empreendimentos que criam e celebram o conhecimento e a informação cultural utilizando talento e competências inatos. África está repleta de talentos de jovens estrelas experientes em tecnologia que aproveitam as redes sociais e as plataformas de transmissão para se conectarem com pessoas nas partes mais longínquas do mundo utilizando a sua fama como uma força do bem.

As iniciativas como os African Muzik Magazine Awards (AFRIMMA) foram implementadas em parceria com a UA para premiar os artistas e a música africana anualmente. A UA designou também 2021 como o Ano das Artes, Cultura, e Herança: Alavancas para desenvolver a África que queremos. Tal compromisso dos Estados-Membros da UA confirma a relevância dos enquadramentos políticos continentais, tais como a Carta para o Renascimento Cultural Africano e Plano de Ação das Indústrias Culturais e Criativas da União Africana. Para além disso, a adoção e implementação da Lei Modelo da UA na Proteção da Propriedade Cultural e da Herança sustentará a revolução das indústrias criativas de África e impulsionar o desenvolvimento da economia criativa.

As instituições da UA como a Academia Africana de Línguas (ACALAN), a Comissão Africana Audiovisual (AACC), a Comissão das Línguas Fronteiriças Veiculares (VCLC), e o Centro de Estudos Linguísticos e Históricos através das Tradições Orais (CELHTO) desempenham igualmente um papel fundamental ao elevar os debates e ao promover o desenvolvimento de políticas e programas que construam a herança artística e cultural de África.

Da mesma forma, África tem diversas estrelas a participar em vários desportos em todo o mundo. Jogam em equipas na Europa, Ásia e no Médio Oriente, utilizando a sua fama e popularidade para inspirar outros. As mulheres líderes reconhecidas neste capítulo lutam para concretizar compromissos continentais nas artes, cultura e desportos. Recomendam as seguintes prioridades essenciais para este fim:

- Melhorar o acesso a oportunidades para as mulheres da gestão desportiva e na participação em organizações nacionais e internacionais.
- Reconhecer e potencializar o papel de setores criativos para promover os direitos humanos, a GEWE, desenvolvimento, paz nas comunidades e sociedades em África.
- Aumentar as parcerias e colaborações para apoiar o papel e as contribuições das mulheres nas artes, cultura e desportos como alavancas de desenvolvimento.
- Amplificar as diferentes realidades das mulheres utilizando as artes e as práticas culturais.
- Aumentar a investigação e a documentação do papel das mulheres para impulsionar a cultura, artes e desportos africanos.
- Tirar partido de todas as plataformas de multimédia para contar histórias de mulheres africanas autênticas.

Estas líderes são galvanizadoras de ações e influenciadoras de alterações políticas, sociais e económicas, tornando-as em forças do bem.



AGNES MAKENGI KAPINGA

República Democrática do Congo

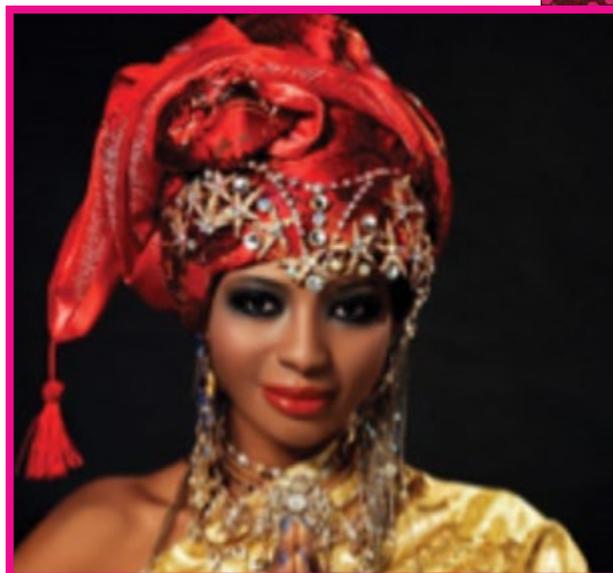
Agnes Makengi Kapinga, também conhecida por Mère Malou's, é a primeira árbitra mulher de futebol internacional na RDC. O seu maior sonho é que uma mulher africana arbitre na final do Mundial da FIFA ou dos Jogos Olímpicos.

Tornou-se uma árbitra quando respondeu a uma chamada para árbitras na rádio após dominar as dezassete leis do futebol e treinar para passar nos testes físicos, incluindo na corrida à volta do campo doze vezes consecutivas. Tornou-se árbitra internacional para futebol feminino em 2002 pela FIFA, arbitrando jogos na Tanzânia, Gana, e na República do Congo e na África do Sul durante competições pan-africanas.

Desde então, ganhou diversos prémios e reconhecimentos, incluindo a "National Order of Leopard of the Chancellery"; a condecoração honrosa mais elevada na RDC, para além de prémios da FIFA e da CAF.

Treinou e orientou jovens árbitros e é defensora de que as mulheres se tornem agentes fundamentais na indústria do futebol no continente.

Agnes Makengi Kapinga é uma líder revolucionária que demonstrou que o sucesso está para além do físico, mas que requer força de carácter e resiliência.



MARIATU KARGBO

Serra Leoa

Mariatu Kargbo, também conhecida por 'Black Pearl of China' (Pérola Negra da China), é vencedora de um concurso de beleza, cantora e bailarina que apresenta a cultura e a música africanas à população da China.

A Sra. Kargbo é uma embaixadora de boa vontade e intercâmbio cultural entre China-África que atuou na Gala de 2018 do Fórum de Cooperação China-África (FOCAC) em Pequim para o Presidente e a Primeira Dama chineses e os Presidentes e Primeiras Damas africanos. É conhecida pela sua excelência nas artes tradicionais chinesas e no domínio da mudança da arte chinesa, que até então não tinha sido ensinada às mulheres e estrangeiros.

A Sra. Kargbo é a primeira pessoa do seu país a conquistar um título do Guinness World Records (GWR) com a maior dança de samba no exterior em 2012. O seu segundo título do GWR aconteceu em 2015 quando conquistou 'A maioria das contribuições para uma campanha de caridade em 24 horas' angariando fundos para mais de 400 000 refeições para pessoas afetadas pela crise do Ébola na Serra Leoa, Libéria e Guiné.

Defende o empoderamento das raparigas através de intervenções ao fornecer mensalidades escolares e manuais didáticos para mais de 600 raparigas na Serra Leoa.

Durante a pandemia de COVID-19, a Sra. Kargbo, como a fundadora da Sierra Leone China Friendship Association, apresentou um novo método de aprendizagem da língua chinesa chamado Smallsmallchinese, transmitido televisivamente na Serra Leoa e disponível em múltiplas plataformas de transmissão. Este projeto permitiu aos estudantes aprender uma das línguas mais complexas e, ao mesmo tempo, mais importantes para o futuro de África.

Mariatu Kargbo é uma líder ousada e corajosa que quebra barreiras e fortalece os outros.



JANE MOKOENA
África do Sul

Jane Mokoena é uma líder que acredita que a formação e o empoderamento de mulheres em áreas rurais podem contribuir bastante para erradicar a pobreza e empoderar gerações. Como estilista e educadora de moda, formou mais de 500 mulheres e jovens desempregados.

Mokoena estabeleceu a Khaya Dressmaking CC, uma escola de ensino de moda em 2001 que oferece cursos de fabricos de vestidos, costura e chapelaria a mulheres e raparigas, focando-se em comunidades negras carenciadas específicas. Os seus programas de formação atendem a diversos níveis de literacia, orçamentos e horários.

Os seus programas de empoderamento das mulheres também incluem formação em liderança e empresarial, permitindo às suas ex-alunos abrirem os seus negócios e tornarem-se financeiramente independentes, promovendo o seu empreendedorismo.

Como fornecedora de serviços de treinamento de moda respeitável na África do Sul, concebeu parcerias estratégicas com as principais partes interessadas para replicar os seus programas e aumentar instituições semelhantes que formem e encorajem a propriedade de empresas de moda de mulheres.

Durante o confinamento devido à COVID-19, Jane formou mulheres para fazerem máscaras e equipamento de proteção individual (EPI), doando-os a centros médicos e comunidades vulneráveis.

Jane Mokoena procura construir uma África do Sul onde as mulheres são parceiras em pé de igualdade no desenvolvimento social e económico.



**NKIRU 'KIKI'
MORDI**
Nigéria

Nkiru 'Kiki' Mordi é uma jornalista de investigação nomeada para um Emmy, realizadora, escritora, apresentadora de rádio e defensora da igualdade de género.

O seu programa online sobre os padrões de despejo entre a comunidade de moradores de favelas na Nigéria levou a que uma ONG entrasse com uma ação contra o governo do Estado de Lagos para acabar com tais práticas. Os seus documentários 'Life at Bay' sobre mulheres pescadoras numa ilha em Lagos e 'Sex for Grades' a expor professores desonestos nas Universidades de Lagos e do Gana despertaram protestos, investigações e mudanças. O último filme recebeu uma nomeação para um Emmy Internacional na categoria de notícias e assuntos atuais em 2020.

Como uma defensora, Mordi utiliza filmes para chamar a atenção para a VBG, o assédio sexual e a desigualdade. Colabora com a Comissão Nacional de Direitos Humanos da Nigéria para efetuar mudanças nas estruturas governamentais.

Durante a pandemia, Kiki lançou 'Document Women', uma plataforma multimédia online focada em combater a exclusão das mulheres e das suas contribuições da história. Aqui, Kiki e a sua equipa documentam experiências da vida real das mulheres em formatos áudio e visuais, procurando imortalizar o seu impacto na sociedade.

Nkiru 'Kiki' Mordi é uma defensora das mulheres e das suas causas, reescrevendo e preservando o legado das suas histórias para gerações futuras.



Aproveitar a educação das meninas para a África que queremos implica desenvolver mecanismos e estratégias para que ao nível político, administrativo e comunitário, o direito à educação de uma menina seja implementado adequadamente a nível das administrações educativas africanas.

Dr Rita Bissoonauth, Coordenadora da União Africana/Centro Internacional para a Educação de Mulheres e Raparigas em África (AU/CIEFFA).



Os direitos das mulheres são direitos humanos, e a ratificação, domesticação e implementação de instrumentos essenciais globais e regionais em matéria de direitos humanos que respondam às questões de género deve ter prioridade. É necessário agirmos com um propósito comum, urgência partilhada, e com passos arrojados para traduzir e levar as promessas desses instrumentos para a realidade vivida pelas mulheres.

Ahunna Eziakonwa, Secretária-Geral Adjunta e Diretora do Gabinete Regional do PNUD para a África

Este é um grande continente. Eu fui para a escola primária neste continente, escola secundária, universidade. Eu trabalhei neste continente e acho que é um grande desserviço que, por qualquer motivo, as pessoas usurpem uma imagem da África que é absolutamente incorreta.

**Dambisa Moyo,
Economista e autor zambiano**



Apesar das mulheres constituírem cerca de 50% da população africana, permanecem amplamente sub-representadas em papéis de liderança nos mercados financeiros, de investimento e empresariais. Como um resultado destas disparidades de género de longa data, o continente perde mais de 20% do seu PIB todos os anos.

**Dra. Véronique Tognifode Mewanou,
Ministra dos Assuntos Sociais e Microcrédito no Benim**

Falamos sobre tecnologia, mas apenas 27% das nossas mulheres em África têm acesso à Internet, e apenas 15% das mesmas pode realmente pagar o custo da utilização da Internet. Tal também significa que as nossas jovens raparigas são na sua maioria deixadas de fora da aprendizagem online. Precisamos de ser capazes de dar resposta a isto.

Dra. Vera Songwe, Subsecretária-Geral das Nações Unidas e Secretária Executiva da Comissão Económica para a África





CONCLUSÕES

A Estratégia da UA sobre a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres destaca prioridades proeminentes para a concretização acelerada da igualdade de género e o empoderamento das mulheres no continente em todos os setores. As mulheres líderes neste compêndio demonstraram as formas práticas como estes compromissos podem ser traduzidos em benefícios concretos para mulheres, raparigas e cidadãos africanos no geral.

As suas histórias comprovam o que é alcançável nas vidas de dezenas de pessoas em comunidades locais a centenas, milhares e milhões em sociedades, ilustrando o ponto fundamental que as experiências de liderança das mulheres africanas são semelhantes e têm um impacto abrangente.

Tiveram que ultrapassar muitos obstáculos para conquistar o seu impacto, e, em todas as suas experiências, identificaram alguns desafios primordiais que as mulheres africanas enfrentam no continente. Estes são:

- Oportunidades de educação limitadas – frequentemente, as mulheres e raparigas carecem de acesso à educação e aprendizagem necessária para desenvolver as suas capacidades.
- Falta de acesso a recursos – as mulheres líderes carecem de financiamento e outros recursos necessários para desenvolver e expandir as suas visões e empreendimentos.
- Falta de equilíbrio trabalho/vida pessoal – as mulheres líderes esforçam-se para equilibrar o seu trabalho com as suas responsabilidades familiares, especialmente na medida em que a sociedade as considera as principais cuidadoras.
- Normas e práticas prejudiciais e discriminatórias – as mulheres líderes enfrentam obstáculos à realização do seu potencial devido a normas sociais, preconceitos, estereótipos e crenças culturais que as discriminam e aos seus empreendimentos.
- Oportunidades de mentoria limitadas – as mulheres líderes carecem de orientação e

sistemas de apoio adequados em espaços oficiais, que impedem o seu surgimento como líderes.

- Baixos níveis de autoconfiança – frequentemente, as mulheres carecem de confiança para ocupar cargos de liderança devido a pouca ou nenhuma educação ou experiência.

No entanto, sugeriram as seguintes ações prioritárias como pré-requisitos para criar um continente melhor para que mais raparigas e jovens mulheres surjam como líderes.

- Aumentar as oportunidades de formação e de mentoria para mulheres e raparigas por todos os setores e profissões.
- Aumentar a defesa contra todas as formas de discriminação, violência e marginalização com base no género, aproveitando as plataformas de multimédia online e offline.
- Aumentar as abordagens inclusivas para envolver mulheres na educação e nos espaços de trabalho.
- Colmatar o fosso digital para as mulheres rurais e urbanas como uma oportunidade para impulsionar a liderança de mulheres africanas.
- Promover e apoiar serviços e oportunidades multifacetados para mulheres líderes - fortalecimento a nível financeiro, psicológico, criação de redes, legal e de capacidades.
- Aumentar e fortalecer parcerias para apoiar a liderança de mulheres africanas, incluindo organizações e redes de mulheres em todos os setores, gerações e partes interessadas.

A jornada de liderança das mulheres africanas está a evoluir, como as histórias neste compêndio mostraram, exigindo esforços das várias partes interessadas para alcançar a representação igualitária em todos os setores conforme estipulado na Agenda 2063.



REFERENCES

- African Union Commission, Agenda 2063 September 2015.
- African Union AU Strategy for Gender Equality & Women's Empowerment 2018-2028.
- African Union The African Charter On Human And Peoples' Rights On The Rights Of Women In Africa July 11, 2003.
- African Development Bank Africa Gender Index 2019 March 2020.
- Agu, David, Africa Leads The World In Women Entrepreneurs: But It's Not Yet Uhuru Entrepreneur Africa, April 2021, <https://www.theentrepreneurafrika.com/africa-leads-the-world-in-women-entrepreneurs-but-its-not-yet-uhuru/>.
- Aloysius Uche Ordu, Inspiring The Next Generation Of Women Leaders Brookings: Africa in Focus, March 8, 2021, <https://www.brookings.edu/blog/africa-in-focus/2021/03/08/inspiring-the-next-generation-of-women-leaders/>.
- AMDC African Women in Artisanal and Small-scale Mining NewAfricanWoman Magazine, February - March 2015.
- Bissoonauth Rita Girls' rights to education: African traditional and religious leaders commit to changing mindsets Global Partnerships September 26, 2019, <https://www.globalpartnership.org/blog/girls-rights-education-african-traditional-and-religious-leaders-commit-changing-mindsets>.
- Country Meters, Africa Population Clock. 17 March 2022, <https://countrymeters.info/en/Africa>
- Gilpin-Jackson Yabome 2014 African Leadership: Now And For The Future, 3rd Biennial Kwame Nkrumah International Conference Kwantlen Polytechnic University, Richmond, British Columbia August 20 – 22, 2014.
- Hanan Morsy Access to Finance: Why Aren't Women Leaning In? Finance & Development, March 2020, Vol. 57, No. 1, <https://www.imf.org/external/pubs/ft/fandd/2020/03/africa-gender-gap-access-to-finance-morsy.htm>
- Nomsa Daniel Women's Financial Inclusion in Africa: Barriers, Costs and Opportunities December 2014.
- Thelwell, Kim, The Potential Of Women's Leadership In Africa The Borgen Project, December 21, 2020, <https://borgenproject.org/tag/women-in-politics>.
- Tolonen, Anja African Mining, Employment And Women's Empowerment GREAT Insights Magazine Volume 6, Issue 3, July/August 2017 <https://ecdpm.org/great-insights/mining-for-development/african-mining-employment-womens-empowerment/>.
- UNDP Africa Creating A Level Playing Field For Women In Technology In Africa January 31, 2019, <https://www.africa.undp.org/content/rba/en/home/presscenter/pressreleases/2019/creating-level-playing-field-for-women-in-technology-in-africa.html>.
- UN Women, Facts and figures: Women's leadership and political participation January 15, 2021, <https://www.unwomen.org/en/what-we-do/leadership-and-political-participation/facts-and-figures>.
- UN Women, Violence Against Women Has Worsened Due To COVID-19 Pandemic November 29, 2021.

